

**PREVENÇÃO E ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA  
DE GÊNERO CONTRA AS MULHERES**  
**3ª Edição: Revista e Atualizada**



**SANDRA MARIA CORREIA DE ANDRADE**  
(Organizadora)

**PREVENÇÃO E ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA  
DE GÊNERO CONTRA AS MULHERES**  
**3ª Edição: Revista e Atualizada**

**SERVIÇO ANGLICANO DE DIACONIA E DESENVOLVIMENTO - SADD**

**2022**



## FICHA CATALOGRÁFICA

*Organizadora*

Sandra Maria Correia de Andrade

*Revisão*

Selma Almeida Rosa

*Capa*

??????????

*Preparação e Diagramação*

Rafael Tarcísio Forneck

*Realização*

Serviço Anglicano de Diaconia e Desenvolvimento (SADD)

*Apoio*

Episcopal Relief and Development (ERD)

Junta Nacional de Educação Teológica (JUNET)

*Coordenação do Projeto*

Dilce Regina Paiva de Oliveira

*Liturgia*

Marinez Rosa dos Santos Bassotto

*Autoras*

Bianca Daébs Seixas Almeida

Ilcéia Alves Soares

Raquel Matos Montezano

Elineide Ferreira Oliveira

Jacinta de Fátima Cavalcante Chaves

Maurício José Araújo de Andrade

Selma Almeida Rosa

Todos os direitos reservados à

**Igreja Episcopal Anglicana do Brasil**

Escritório Provincial

Av. João Dias, 150 – Apto 21

CEP 04724-000

**Livraria e Editora Anglicana Ltda**

Avenida Eng. Ludolfo Boehl, 256

91720-150 – Bairro Teresópolis

Porto Alegre – RS

Tel.: (51) 3014-3705

ederaldo.machado@xpi.com.br

## SUMÁRIO

Palavra do Bispo Primaz da IEAB.....	7
Palavra do Episcopal Relief e Development.....	9
Apresentação.....	10
Sugestões para o uso da Cartilha.....	11
Ordem para o Ágape de Abertura.....	13
Violência doméstica contra mulheres, você sabe o que é?.....	20
Pandemia e Femicídio.....	26
Violências contra crianças e adolescentes: como desatar esses nós?.....	30
Gravidez na adolescência e as consequências para a educação e para o trabalho.....	36
Políticas Públicas para as mulheres vítimas de violência.....	40
Igreja Segura e abuso institucional.....	45
Construindo e vivendo uma nova masculinidade.....	50
Ordem para o Ágape de Encerramento.....	54
Referências bibliográficas.....	60





*Naudal Alves Gomes*  
Bispo Primaz da IEAB

*Afastese do mal e pratique o bem,  
busque a paz e procure segui-la*

(1ª Pedro 3.11)

Com alegria apresentamos mais uma edição da **Cartilha de Prevenção e Enfrentamento à Violência de Gênero Contra as Mulheres**, organizado pelo *Serviço Anglicano de Diaconia e Desenvolvimento (SADD)*, da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil.

Com esse relevante material, IEAB e SADD somam forças com outras igrejas cristãs, com outras religiões e movimentos da sociedade civil na busca de caminhos para superação de todo tipo de violência. Infelizmente, o contexto em que vivemos quer naturalizar tal realidade, que é cultural e estrutural em muitos casos.

Enfrentamos uma situação que chega a ser dicotômica, pois se por um lado as pessoas anseiam pela paz, por outro os governos investem pesadamente em armamentos e negócios que promovem guerra e destruição e assim tentam justificar o uso da violência, pois esse caminho garantiria a paz.

Os números das agressões praticadas contra as mulheres são alarmantes. A violência de gênero tem crescido, estando presente em todo tipo de agressões e feminicídios. Diante dessa realidade, nossa igreja – com base na compreensão de Missão e no compromisso que assumimos enquanto comunidades e pessoas batizadas – declara e afirma seu compromisso com os princípios do Reino de Deus. Conseqüentemente, como discípulas e discípulos dele, temos um comprometimento com as pessoas e com sua dignidade, com seu direito a vida **plena e abundante**.

Sabemos que o caminho da paz é árduo, difícil, exige resiliência, diálogo, acolhida, respeito, renúncia, perseverança; descarta autoritarismo ou qualquer tipo de supremacia uma pessoa sobre outra, seja social, étnica, cultural, sexual.

O caminho da paz que desejamos e buscamos passa, necessariamente, por um processo de aprendizado. Isso demandará esforço, organização, perseverança e, principalmente, a compreensão de que a fé, o amor, a misericórdia, a paz – que são ensinamentos originados em nossa relação

e compreensão de Deus, nosso Pai Materno – não aceitam qualquer manifestação de violência, morte e destruição da vida.

Certamente esta cartilha será muito útil para as pessoas e comunidades de boa vontade. Poderá ser um instrumento importantíssimo para nortear nossa rota no caminho da paz e da fidelidade que o discipulado requer.

Expresso nossa gratidão a todas as pessoas que se envolveram na elaboração desta Cartilha, compartilhando seus dons e experiências com a igreja e sociedade. Deus continue abençoando ricamente as pessoas que colocam seus dons à serviço da vida, a serviço da paz.



**Kaylie Cordingley**

Diretora Sênior do Programa,  
Gênero e Resiliência na Episcopal Relief  
and Development

O SADD criou e atualizou esta Cartilha sobre *violência de gênero* devido à profunda relevância do tema para a Igreja e para a sociedade.

A *violência de gênero* é uma questão onipresente no mundo, devido a sistemas de opressão que podem deixar mulheres, meninas e outras pessoas marginalizadas expostas à violência, ao terror e à exclusão social.

Devido à homofobia, transfobia, misoginia, opressão de classe, ao racismo e a outras formas de opressão, mulheres de cor, mulheres trans, mulheres em situação de pobreza e outras pessoas que experimentam a marginalização intersetorial, incluindo homens, são alvos particulares da violência sistêmica para além das formas prevalentes de violência interpessoal.

Esta Cartilha deseja empoderar as pessoas da Igreja e da sociedade para exporem as raízes da *violência de gênero*, ensinando-as a reconhecerem tipos e locais de violência e a apoiarem aqueles que experimentam violência, além de fomentar mecanismos de defesa e de mudanças.

Esta cartilha é um apelo à ação para aqueles que querem viver numa sociedade justa e pacífica, onde todas as pessoas são livres.

Minha esperança é que os conteúdos apresentados e desenvolvidos iniciem ações comunitárias em solidariedade com as pessoas marginalizadas em todos os lugares.

## Apresentação

Nos últimos 10 anos, o *Serviço Anglicano de Diaconia e Desenvolvimento (SADD)* tem colocado como prioridade a formação de lideranças clericais e leigas visando ao compromisso diaconal e missionário da IEAB com a luta por Direitos. Além disso, tem empreendido ações para que seus templos e espaços litúrgicos estejam à disposição do serviço diaconal e sejam um espaço seguro para todas as pessoas.

Nessa intenção de formar e informar a Igreja, oferecendo instrumentos de diálogos coletivos, em 2013 foi lançada a primeira Cartilha com o tema *Diaconia Social e Política da IEAB para a Prevenção e Enfrentamento à Violência Doméstica contra as Mulheres*, tendo sido esse o primeiro de uma série de instrumentos formativos e informativos do SADD. Foram 10 encontros, todos com a mesma estrutura e sempre propondo o diálogo e a partilha de experiências, além da escuta comprometida de vivências das pessoas, em especial das mulheres participantes dos grupos de formação.

Essa edição esgotou-se rapidamente e em 2014 foi lançada a segunda Cartilha intitulada *Prevenção e Enfrentamento à Violência de Gênero contra Mulheres*. Nessa edição, foram atualizados os conteúdos da primeira e acrescentado o décimo primeiro encontro, *A relação entre violência de gênero e HIV/AIDS – a feminização da aids*.

A terceira publicação do SADD, lançada em 2016, seguiu abordando temas de grande relevância, *Revista Gênero, Sexualidades e Direitos*, com o intuito de promover, nas dioceses e no distrito missionário, diálogos e ações diaconais sobre sexualidades e gênero, na perspectiva de direitos e políticas públicas.

A presente edição está ainda mais completa, pois além de revisitar as duas edições anteriores, avançando nas discussões e na reflexão sobre posicionamentos e conceitos que continuam a reforçar o comportamento de agressão às mulheres, especialmente no contexto da pandemia de COVID-19.

Nosso desejo é o compromisso de todas e todos na eliminação de qualquer tipo de violência de gênero. Nosso objetivo é seguir contribuindo em relação à defesa de direitos para todas as pessoas.

Não estamos medindo esforços para que a IEAB seja capaz de promover o reconhecimento de que não podemos nos omitir diante do pecado cometido contra mulheres. Queremos promover ações diaconais efetivas e contínuas para a transformação de uma triste realidade, que fere cada uma e cada um de nós e representa uma afronta a Deus.

A presente Cartilha foi elaborada em mutirão, assim como em mutirão foram escritos os livros da Bíblia. E é em mutirão, igualmente, que lemos, interpretamos e vivemos os ensinamentos bíblicos.

Assim, para o uso da Cartilha e conseqüente melhor aproveitamento dos encontros, sugerimos que:

1. Os encontros sejam divulgados para toda a comunidade, e o convite alcance o maior número de pessoas possível;
2. No caso de o grupo de participantes ser numeroso, sejam formados pequenos grupos; se o número for pequeno, que seja proposta a composição de duplas, quando oportuno, mediante a indicação de cada encontro;
3. Para a mobilização e participação nos encontros, é importante que a liderança pastoral local faça um caloroso convite à comunidade e, caso não seja a própria liderança a coordenar os encontros, que ainda assim busque participar, colaborando no processo de aprendizado coletivo;
4. Os roteiros propostos para os encontros sejam seguidos, sendo recomendável que outros recursos e fontes teóricas sejam consultadas e incluídas para qualificar ainda mais o material apresentado. De igual modo, as técnicas de apresentação/integração sejam contextualizadas à realidade local, sem fugir aos temas e aos objetivos dos encontros;
5. Haja reconhecimento dos importantes papéis da sociedade civil organizada (movimentos sociais) e do Estado (país) para o enfrentamento à violência doméstica contra as mulheres<sup>1</sup>.
6. As comunidades religiosas da IEAB, por meio de nossas dioceses (paróquias, missões e pontos missionários ou pontos de evangelização), no desempenho de seu papel, sejam *espaço acolhedor e ofereçam orientações qualificadas sobre onde, quem, quais instituições e como é possível prevenir e enfrentar situações de violência doméstica.*

---

<sup>1</sup> Primeiramente, organizações não governamentais feministas iniciaram o atendimento às mulheres em situação de violência e promoveram capacitações e campanhas educativas como prevenção e enfrentamento à violência doméstica contra as mulheres. Conseqüentemente, apresentaram aos governos propostas para a criação de uma Rede de Atendimento especializada. A partir daí, órgãos governamentais assumiram o tema como prioritário e têm constituído a Rede de Atendimento às mulheres em situação de violência (com profissionais especializados no atendimento a essas mulheres) e a Rede de Enfrentamento à violência contra as mulheres.

7. Reconheçamos, igualmente, a importância da laicidade do Estado, lembrando, no entanto, que essa laicidade deve levar em conta a diversidade religiosa brasileira, considerando, com respeito, o direito de cada pessoa cidadã à liberdade religiosa, isto é, de possuir ou não algum credo.
8. Além da Bíblia e da Lei Maria da Penha, importantes instrumentos para a participação em cada encontro, é necessário que sejam providenciados todos os materiais propostos para para cada encontro.
9. A presente Cartilha não pretende esgotar o tema, sendo um instrumento para a sensibilização das pessoas e das comunidades anglicanas, conforme destacado na apresentação. Portanto, aprofundamentos poderão ser feitos, inclusive, com o aporte do SADD e também de órgãos governamentais e não governamentais especializados existentes na localidade de cada comunidade.
10. As propostas litúrgicas que compõem este material, devem ser utilizadas como parte do processo de sensibilização.
11. A periodicidade dos encontros poderá contribuir para que a confirmação do compromisso e engajamento de toda a comunidade tenha continuidade em ações diaconais frequentes de prevenção e enfrentamento à violência doméstica contra as mulheres.

## Ordem para o Ágape de Abertura

*Sugere-se que o Ágape aconteça com todas as pessoas circundando uma mesa principal, onde estarão os alimentos da partilha. A mesa poderá ser ornada com velas, cruz, flores, Bíblia e com outros símbolos significativos para o encontro.*



*O Ofício inicia com uma saudação espontânea*

### ACOLHIDA

*Todas as pessoas ficam **de pé**, se possível.*

### ♪ MÚSICA INICIAL

### PREPARAÇÃO

Bendita seja aquela que falou e o mundo fez.

**Bendita seja.**

Bendita seja aquela que deu à luz no princípio.

**Bendita seja aquela que fala e realiza o que diz.**

Bendita seja aquela que declara e cumpre.

**Bendita seja aquela cujo ventre envolve a terra.**

Bendita seja aquela que vive para sempre.

**Bendita seja aquela que nos reúne para partilhar nossas histórias e nossas vidas.**

Bendita seja a Santíssima Trindade.

**Bendito seja o seu reino de amor, de justiça e de paz, agora e para sempre. Amém.**

*Adaptada da Prece do Sabbath  
composta por Naomi Janowits e Maggie Wenig*

## RESPONSÓRIO

Deus de infinito Amor, pedimos teu conforto e fortalecimento.

Quando tivermos medo, **dá-nos coragem;**

Quando estivermos fracas, **dá-nos força;**

Quando aflitas, **dá-nos serenidade;**

Quando perdidas, **dá-nos resiliência;**

Quando as outras pessoas estiverem sós, **leva-nos ao lado delas.**

Em nome de Jesus, nosso amigo, nosso irmão, **e nossa esperança. Amém.**

## ♪ KYRIE ELEISON

### ATO PENITENCIAL

Pelas dores das pessoas vítimas das mudanças climáticas, das calamidades naturais, e pela dor de nossa mãe Terra, que sofre com o nosso pecado contra a criação.

**Senhor, tem piedade.**

Pelas dores das mulheres e meninas vítimas de violências, desigualdades e abusos. Pelas dores de todas as que sofrem com a insensibilidade, a indiferença, a invisibilização e o silenciamento.

**Senhor, tem piedade.**

Pelas dores das pessoas que são vítimas do racismo e de práticas injustas e preconceituosas. Pelas dores todas as pessoas que são perseguidas por lutarem pela justiça e paz.

**Senhor, tem piedade.**

Deus de justiça, tem piedade de nós de acordo com tua amorosa bondade. Converte-nos e nos concede a graça de agirmos com respeito, generosidade e amor, especialmente para com as mulheres e meninas em situação de violência. Liberta-nos de todos os nossos pecados e nos fortalece na luta por equidade, justiça e paz. Por Cristo Jesus, amigo das mulheres.

**Amém.**

## DIÁLOGO ABSOLVITÓRIO

Deus Todo-poderosa tenha misericórdia de vocês,  
perdoe os seus pecados  
e mantenha vocês no caminho da vida eterna.

**Deus Todo-poderoso tenha misericórdia de ti,  
perdoe os teus pecados  
e te mantenha no caminho da vida eterna. Amém.**

## COLETA DO DIA

O Senhor seja com vocês.                      *ou*                      O Senhor está aqui.  
**Seja também contigo.**                      **O seu Espírito está conosco.**

## Oremos

*Quem oficia faz a oração da coleta*

Deus de maternal amor, sopro de justiça,  
socorre tuas filhas que sofrem em relacionamentos de abuso,  
violência doméstica, desamor, preconceito e assédio.  
Implementa na tua igreja a flama do Santo Espírito,  
para que, como ventania, sopra nos nossos corações,  
converta nossos caminhos, nos encha de coragem para a luta  
e derrube as estruturas patriarcais que dividem as pessoas por gênero.  
É o que te pedimos em nome de Jesus Cristo,  
em quem não há homem nem mulher,  
mas pessoas, à imagem e semelhança de Deus.  
**Amém.**

*Coleta pela Justiça Social, LOC pág. 534*

## LEITURAS BÍBLICAS

*Devem ser utilizadas leituras bíblicas apropriadas ao tema.*

A Palavra de Deus, escrita \_\_\_\_\_.

*Quem estiver lendo termina com:*

Palavra do Senhor.

**Demos graças a Deus.**

## **MENSAGEM**

### **AFIRMAÇÃO DE FÉ**

Respondendo à Palavra de Deus, professemos a fé que herdamos:

**Creio em Deus, Pai e Mãe, que nos liberta de toda a violência.**

**Creio em Jesus Cristo, nosso irmão solidário**

**e na sua presença que acalenta nosso cotidiano, muitas vezes sofrido, tornando-o mais belo e mais feliz.**

**Creio na Ventania de Amor, Espírito que transforma nossas vidas.**

**Creio na comunhão das pessoas que constroem a paz,  
nas comunidades que se irmanam,**

**Creio na ternura dos homens, na força das mulheres,**

**na sabedoria da juventude e das crianças;**

**na leveza e generosidade das pessoas idosas.**

**Creio na ressurreição dos corpos,**

**quando soprados pela doçura do amor.**

**Creio nos sinais de tua presença libertadora em nosso dia a dia,**

**que nos ajuda a enxergarmos e denunciarmos as injustiças deste mundo. Creio na ressurreição  
que nos inspira a anunciarmos um novo tempo aqui e agora, onde é possível vivermos livres da  
violência contra mulheres e meninas. Amém.**

*Adaptado da Celebração de Abertura da Cartilha 2 de  
Prevenção e Enfrentamento à violência de gênero contra as Mulheres (SADD)*

## **ORAÇÕES**

O Senhor seja com vocês.

**Seja também contigo.**

*ou*

O Senhor está aqui.

**O seu Espírito está conosco.**

## Oremos

**Pai nosso, que estás nos céus.**

**Santificado seja o teu Nome.**

**Venha o teu Reino.**

**Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu.**

**O pão nosso de cada dia nos dá hoje.**

**Perdoa-nos as nossas ofensas,**

**assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido.**

**E não nos deixes cair em tentação,**

**mas livra-nos do mal;**

**pois teu é o Reino, o poder e a glória para sempre.**

**Amém.**

No poder transformador da Ruáh Divina e em união com Cristo, nosso irmão libertador, oremos a Deus, nossa mãe e pai.

**Deus, de quem toda justiça flui, ouve a nossa oração.**

Que trabalhemos e participemos na Missão de remover os obstáculos que nos impedem de viver em um mundo com dignidade humana, justiça e paz.

**Deus, de quem toda justiça flui, ouve a nossa oração.**

Trazemos a ti as maldades de nosso mundo, os lugares onde não há esperança, e onde reinam a opressão e a injustiça. Faze florescer a tua paz e a tua justiça.

**Deus, de quem toda justiça flui, ouve a nossa oração.**

Trazemos a Ti as misérias de nosso mundo, os lugares onde as pessoas morrem de fome e sede, a terra esgotada e devastada pela cobiça humana. Transforma-os em mananciais de vida digna e abundante.

**Deus, de quem toda justiça flui, ouve a nossa oração.**

Trazemos a Ti as enfermidades de nosso mundo, os lugares onde impera a solidão, as doenças, os pecados e a morte. Envia a tua cura.

**Deus, de quem toda justiça flui, ouve a nossa oração.**

Trazemos a Ti as debilidades de nosso mundo, os lugares onde a fé e a esperança se converteram em pó e cinzas, onde as pessoas sofrem violências e privação de direitos. Especialmente oramos pelas mulheres e meninas que vivem situações de violência baseada em gênero, para que em seus corpos vejamos teu Corpo e, com ousadia, promovamos em suas vidas a tua presença libertadora.

**Deus, de quem toda justiça flui, ouve a nossa oração.**

Trazemos a ti as masculinidades tóxicas vivenciadas neste nosso mundo, a cultura patriarcal opressora, e oramos para que, a exemplo de Jesus, homens e meninos vivam novas masculinidades e estabeleçam suas relações baseadas no acolhimento, na escuta, no diálogo e no amor.

**Deus, de quem toda justiça flui, ouve a nossa oração.**

Trazemos a ti o pesar deste nosso mundo, o nosso luto por todas as vidas das mulheres vítimas de feminicídio, atende bondosamente, nós te suplicamos, a todas as pessoas feridas pela dor e sofrimento; e dá-nos coragem para denunciar os autores destas atrocidades e lutar por justiça.

**Deus, de quem toda justiça flui, ouve a nossa oração.**

Concede, Deus nosso pai de maternal amor, que tudo aquilo que pedimos com fé, possamos por tua graça receber.

**Amém.**

*Adaptadas da Celebração de Abertura da Cartilha 2 de  
Prevenção e Enfrentamento à violência de gênero contra as Mulheres (SADD)*

## **ORAÇÃO DE BÊNÇÃO SOBRE OS ALIMENTOS**

*A seguir serão realizadas as seguintes orações sobre os alimentos,  
adaptado do texto de Luiz Carlos Ramos*

Não é possível ceiar estando só. Na ceia há um repartir, um distribuir, mãos que se tocam, olhares que se encontram. Na última ceia com as discípulas e os discípulos Jesus não deu só o pão e o vinho, ele misturou ao alimento palavras de amor e esperança. Não bastava só comer, era preciso comer em conjunto. Não bastava só comer, era preciso partilhar e se deixar transformar.

Deus de infinito amor, ao contemplarmos esta mesa comum, faze-nos lembrar da tua vontade para as nossas vidas, e nos compromete com a transformação dos reinos deste mundo no Reino de nosso senhor Jesus Cristo. Permite que a partilha desta mesa nos transforme em pessoas menos coniventes, menos apáticas, menos insensíveis à dor alheia, às injustiças e às violências, para que possamos ser agentes do teu Evangelho, vem Senhor, e derrama tua bênção sobre estes alimentos e sobre nossas vidas, por teu Filho, Jesus Cristo, em nome de quem oramos.

**Amém.**

## **♪ MÚSICA**

## **PARTILHA SIMBÓLICA DOS ALIMENTOS**

*As pessoas se aproximam da mesa para realizar a partilha simbólica dos alimentos.  
Durante ou depois do gesto simbólico  
pode ser feita uma breve partilha da palavra pelas pessoas presentes.*

## ABRAÇO DA PAZ

A Paz do Senhor seja sempre com vocês.  
**Seja também contigo.**

*Todas as pessoas se cumprimentam com a paz de Cristo,  
durante a Saudação da Paz haverá uma música*

## ♪ MÚSICA

## ORAÇÕES CONCLUSIVAS

Ó Deus, nós oramos para que tu nos fortaleças com fé, revelação e firmeza no amor. Dá-nos compreensão da tua vontade, dá-nos audácia e sabedoria para trabalharmos pela tua justiça. Pedimos que tornes fortes nossas mãos e audíveis nossas vozes para que possamos lutar pelo fim das violências contra mulheres e meninas. Isto nós te pedimos, em nome de Jesus Cristo, nascido de mulher, sob a inspiração da Ruáh Divina, ventania amorosa e transformadora.

**Amém.**

*Adaptada da Celebração de Abertura da Cartilha 2 de  
Prevenção e Enfrentamento à violência de gênero contra as Mulheres (SADD)*

*Ou*

Que o Deus da esperança  
Nos encha de completa alegria e paz na fé,  
Para que transbordemos de esperança,  
Pela força do Espírito Santo. (Rm 15.13)

**Amém**

*Oração Conclusiva, LOC pág. 93*

## BÊNÇÃO

*Estando, porém presente um(a) bispo(a) ou presbítero(a),  
a congregação pode ser despedida com a seguinte bênção:*

A bênção de Deus, de quem toda a justiça flui;  
A bênção do Filho, nosso irmão, que sofreu injustiça por nós;

## ♪ MÚSICA FINAL

Bianca Daébs Seixas Almeida<sup>1</sup>

## 1. OBJETIVO DO ENCONTRO

Promover a sensibilização do tema *Violência doméstica contra mulheres*, principalmente entre as mulheres de nossas Igrejas e comunidades de fé.

## 2. PALAVRAS GERADORAS DO ENCONTRO

Educação. Saúde. Fé. Ruptura. Resistência. Libertação

## 3. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Por que devemos falar sobre violência doméstica contra a mulher?

A gente acredita que quando as mulheres se juntam elas ficam fortes para defender seus direitos e, principalmente, lutar contra a violência doméstica.

O Brasil é o quinto país em que mais se violentam mulheres no mundo, e durante a pandemia de Covid-19, quando foi necessário o isolamento social, muitas de nossas irmãs e amigas ficaram desempregadas e confinadas em suas casas, longe de suas redes de apoio e muito próximas de seu agressor, que geralmente é um parente próximo – pai, irmão, tio, primo – ou, principalmente, companheiro, ex-companheiro, namorado ou ex-namorado.

A violência doméstica contra a mulher é uma violência de gênero, ou seja, a mulher é agredida apenas por ser mulher. Isso acontece porque numa sociedade patriarcal como a nossa, a figura masculina é considerada mais capaz, inteligente e importante, realidade fortemente agravada pela ideia de que a mulher deve ser submissa ao marido, o que torna essa violência natural e sagrada.

Esses conceitos são fortemente difundidos por instituições pelas quais nós temos muito apreço e respeito, como nossa família, igreja e escola. Além disso, essas informações chegam até nós, ainda na infância, quando aprendemos que existem “coisas de menina e coisas de menino”.

---

<sup>1</sup> Teóloga Feminista; Reverenda da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil; Assessora Para Ecumenismo e Diálogo Inter-religioso da Coordenadoria Ecumênica de Serviço – CESE e Integrante do Coletivo Mulheres, Política Pública e Sociedade – MUPPS. Doutora em Educação e Mestra em História Social – UFBA.

Quando uma mulher se recusa, por qualquer motivo, à se submeter a “autoridade” de um homem, geralmente ela sofre vários tipos de violências. Estamos falando de ensinamentos dificultam o processo de ruptura com o ciclo das violências, pois elas foram fortemente naturalizadas.

### 3. TÉCNICA DE APRESENTAÇÃO E INTEGRAÇÃO

Desenhar um mapa do Brasil (pode ser em papel metro), com os dados da violência doméstica dentro dele, conforme cada Estado. Em seguida, é importante que as mulheres se apresentem a partir das palavras geradoras propostas ou de outras que elas mesmas podem apresentar. Um exemplo: *Meu nome é Ana Cecília e minha palavra geradora é **Esperança** porque eu acredito que juntas podemos mudar essa realidade de violência contra mulheres no Brasil.* Após apresentar-se, cada mulher dirige-se ao mapa do Brasil e coloca nele a palavra geradora que foi motivadora para ela.

### 4. PARTILHA DO TEMA

#### Pontos importantes sobre violência doméstica

##### *a) Primeiro ponto: violência é pecado!*

Você deve estar se perguntando, mas a mulher não tem que ser submissa ao marido? Isso não está na Bíblia? Precisamos conversar melhor sobre isso!

A Bíblia é um conjunto de livros muito importante, que nos conta como um povo, em um longo período de tempo e em lugares diferentes, se relacionou com Deus através de seus costumes religiosos. Os costumes religiosos estão nos textos bíblicos, mas estão sujeitos a mudanças porque com o passar do tempo, tudo muda, inclusive os costumes e a lei. Por exemplo: Já pensou se seu marido morresse e você fosse obrigada a se casar com seu cunhado (Deuteronômio, 25.5-10)? ou tivesse que sair de casa toda vez que menstruasse (Levítico, 15.19-20)? ou não pudesse estudar por ser mulher? Seria muito ruim, não é? Pois então, tudo isso são costumes, assim como a submissão feminina, que a sociedade patriarcal e machista nos disse que era mandamento divino.

Em João 10.10 lemos que Deus enviou Jesus ao mundo para que tivéssemos vida e vida abundante, isto é, uma vida digna e feliz apesar das adversidades que encontramos no caminho. Ninguém é feliz sendo violentada todos os dias. A violência doméstica contra mulheres é pecado porque ela fere a mulher, que é imagem e semelhança de Deus, e destrói o plano de Deus de construirmos um reino de justiça e paz para todas as pessoas. Quando Deus criou a mulher e o homem a sua imagem e semelhança (Gêneses, 1.26,27), ele propôs uma relação de amizade, respeito e companheirismo entre os seres humanos. Repito, os homens é que transformaram um costume patriarcal em mandamento, uma relação de companheirismo em uma relação de submissão. Só existe amor, se existir respeito. Um sentimento que fere a integridade física, psíquica, mental, moral ou material é sentimento de posse. Sagrado é o amor, violência é pecado.

### *b) Segundo ponto: violência é crime!*

Durante muito tempo no Brasil as mulheres sofreram muito com a violência doméstica sem poder denunciá-la de fato. Ocorria que quando chegavam à delegacia para registrar a agressão sofrida, acabavam sofrendo outras violências porque as pessoas que as atendiam descreditavam de sua palavra, apenas porque era “palavra de mulher”. Não havia uma lei que punisse o agressor e o responsabilizasse por seus atos. Ele, no máximo, pagava uma multa ou prestava serviços sociais. E isso gerava nas mulheres uma enorme sensação de insegurança, impunidade e frustração; e nos homens violentos, a sensação de que poderiam continuar agredindo as mulheres.

Diante desse quadro, várias ações foram criadas por Movimentos de Mulheres para tentar deter o aumento da violência doméstica. Foi somente em 7 de agosto de 2006, com a promulgação da **Lei Maria da Penha**, Lei 11.340/2006, que a situação começou a mudar, pois essa Lei criou mecanismos efetivos de combate à violência contra as mulheres e estabeleceu medidas para a prevenção, a assistência e a proteção das mulheres em situação de violência.

Segundo a Lei Maria da Penha, toda mulher, sem exceção, *goza dos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sendo-lhe asseguradas as oportunidades e facilidades para viver sem violência, preservar sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social.* A mesma Lei apresenta a *violência física, psicológica, sexual, moral e patrimonial*, dentre as formas de violência doméstica e familiar contra a mulher.

A criação da *Lei Maria da Penha* foi muito importante porque promoveu um grande debate sobre o tema da violência doméstica e permitiu que mulheres que antes sofriam pudessem denunciar, evitando a própria morte. Muitas ainda sofrem, entretanto precisam saber que existe uma rede de apoio com a missão de promover e garantir os seus direitos e seu acesso a uma vida digna e segura.

### *c) Terceiro ponto: as Redes de Apoio*

Não existem mulheres que gostam de apanhar, o que existem são mulheres sem condições de sair de casa com suas filhas e filhos, por diferentes motivos: são ameaçadas de morte, temem pela vida de suas crianças e adolescentes, não são independentes economicamente, são humilhadas cotidianamente pelo agressor e já não acreditam mais na possibilidade de uma vida digna. Desse modo, as Redes de Apoio são fundamentais, pois é importante que as vítimas tenham contato com outras mulheres, de sua confiança, que possam socorrê-las em momentos de necessidade.

Além disso, é essencial conhecer bem a rede de atendimento às mulheres em situação de violência doméstica na sua cidade e saber como acessá-la sempre que preciso ela reúne ações e serviços das áreas da assistência social, justiça, segurança pública e saúde e integra a Rede de Enfrentamento, ao contemplar o eixo de assistência previsto na Política Nacional de Enfrentamento à Violência Contra as Mulheres. O sistema foi criado para ampliar e melhorar a qualidade do atendimento às mulheres em situação de violência. Trata-se de uma rede especializada e dentre as instituições e serviços cadastrados estão:

- \* As **Delegacias Especializadas no Atendimento à Mulher (DEAMs)**, que realizam ações de prevenção, apuração, investigação e enquadramento legal. Nas unidades é possível registrar Boletim de Ocorrência (BO) e solicitar medidas de proteção de urgência, como nos casos de violência doméstica contra mulheres, por exemplo.
- \* Os **Centros de Referência de Atendimento à Mulher (CRM)**, que hoje somam cerca de 187 em todo o país, fazem acolhimento, acompanhamento psicológico e social e prestam orientação jurídica às mulheres em situação de violência.
- \* As **Casas-Abrigo (CA)**, que oferecem asilo protegido e atendimento integral (psicossocial e jurídico) a mulheres em situação de violência doméstica, acompanhadas ou não, de suas filhas e filhos, sob risco de morte. O período de permanência nestes locais é de 90 a 180 dias, durante o qual as usuárias deverão reunir as condições necessárias para retomar a vida fora das Casas-Abrigo, que hoje são 72 em todo o território nacional, com previsão, atualmente, de casas binacionais em regiões de fronteiras.
- \* Os **CRAS (Centros de Referência da Assistência Social)**, unidades públicas que desenvolvem trabalho social para as famílias, buscando promover o bom relacionamento familiar, o acesso aos direitos e a melhoria da qualidade de vida.
- \* Os **Órgãos da Defensoria Pública**, que prestam assistência jurídica integral e gratuita à população desprovida de recursos para pagar honorários de advogado e os custos de uma solicitação ou defesa em processo judicial, extrajudicial ou de um aconselhamento jurídico. São 57 Defensorias e 48 Promotorias Especializadas em todo o Brasil.
- \* Os **Serviços de Saúde Especializados** para o Atendimento dos Casos de Violência Contra a Mulher, que contam com equipes multidisciplinares (psicólogos/os, assistentes sociais, enfermeiras/os e médicas/os) capacitadas para atender os casos de violência doméstica contra a mulher e contra a violência sexual.

Nos casos de violência sexual, as mulheres são encaminhadas para realizar exames e são orientadas sobre prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (IST), incluindo o HIV, e da gravidez indesejada para mulheres que sofreram estupro. Além disso, oferecem abrigo, orientação e encaminhamento para casos de abortamento legal.

A lista completa com endereços e contatos pode ser acessada no site da SPM ([www.spm.gov.br](http://www.spm.gov.br)). A pesquisa pode ser feita em âmbito nacional ou por estado. Alguns estados que possuem órgãos estaduais de políticas para as mulheres são: AL, BA, DF, MA, PA, PE,RS

<http://www.mulhercidadania.al.gov.br>

<http://www.mulheres.ba.gov.br>

[www.mulher.df.gov.br](http://www.mulher.df.gov.br)

<http://www.semu.ma.gov.br>

<http://www.paraiba.pb.gov.br/mulher-e-da-diversidade-humana>

[www.secmulher.pe.gov.br](http://www.secmulher.pe.gov.br)

[www.spm.rs.gov.br](http://www.spm.rs.gov.br)

Informações podem ser obtidas por meio da Central de Atendimento à Mulher, ligando gratuitamente para número 180, disponível 24 horas, diariamente, a Central recebe os relatos e encaminha para os serviços da Rede de Atendimento; para o 190 – atendimento de ocorrências da Polícia Militar; para o 153 – Patrulha Maria da Penha.

## O Pacto Nacional pelo enfrentamento à Violência contra Mulheres

O Pacto Nacional pelo Enfrentamento à Violência contra a Mulher foi um ganho e um avanço na luta das mulheres por políticas públicas na área de Gênero e Diversidade, pois articula a *Rede Assistencial* que visa coibir a violência doméstica, promove uma mudança social através do respeito às diversidades de gênero e a valorização da paz, a garantia dos direitos das mulheres em situação de violência, considerando as questões raciais, étnicas, geracionais, de orientação sexual, deficiência e inserção social, religiosa, econômica e regional.

É importante e necessário ressaltar que o conceito de enfrentamento adotado pela Pacto Nacional diz respeito à implementação de políticas amplas e articuladas, que procuram dar conta da complexidade da violência contra as mulheres em todas as suas expressões. O enfrentamento requer a ação conjunta dos diversos setores envolvidos com a questão (saúde, segurança pública, justiça, educação, assistência social, entre outros), no sentido de propor ações que desconstruam as desigualdades e combatam as discriminações de gênero e a violência contra mulheres; interfiram nos padrões sexistas/machistas ainda presentes na sociedade brasileira; promovam o empoderamento das mulheres e garantam um atendimento qualificado e humanizado àquelas em situação de violência. Portanto, a noção de enfrentamento não se restringe à questão do **combate**, mas compreende também as dimensões da **prevenção**, da **assistência** e da **garantia de direitos das mulheres** que compõem os Eixos Estruturantes da Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres.

## 6. O QUE LEVO DESTE ENCONTRO?

A certeza de que (1) precisamos conversar sobre violência doméstica com outras mulheres, em todos os espaços que entendermos importantes; (2) a violência praticada contra mulheres é pecado porque Deus as criou para que tenham vida digna e abundante; (3) a submissão feminina é uma recomendação de uma sociedade patriarcal que não entendeu o projeto amoroso de Deus para que suas filhas e seus filhos vivam uma relação de companheirismo e amor; (4) a Violência contra mulher é crime previsto na Lei Maria da Penha e é preciso denunciá-lo (180 ou 190); (5) as mulheres nunca estão sós, devem manter contato com outras mulheres de sua confiança e conhecer a rede de enfrentamento e atendimento de sua cidade; (6) o projeto de Deus é que toda mulher seja feliz, realizada e viva com dignidade e sem violências; (7) devemos orar umas pelas outras e cuidar umas das outras.

## 7. MOMENTO DE ORAÇÃO

*Divina Ruah, nós, mulheres, feitas à sua imagem e semelhança, oramos para que sopres sobre nossas vidas ventos de esperança, coragem e fé para rompermos com os ciclos de violência que aprisionam nossas vidas; que sejamos sensíveis e estejamos dispostas a ajudar outras irmãs, porque temos a certeza de que seus planos para nossas vidas são de paz e felicidade a fim de que tenhamos um futuro e uma nova esperança.*

*Amém*

## 8. MOMENTO DE DESPEDIDA

Recomendo terminar com a música *Desconstruindo Amélia*, Pitty, disponível em: [https://youtu.be/xr-O6UKa\\_i8](https://youtu.be/xr-O6UKa_i8) ou *Maria de Vila Matilde*, Elza Soares, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y6V8lL8xn7g>

## **1. OBJETIVO DO ENCONTRO**

Identificar os agravos da violência doméstica a partir do contexto da pandemia.

## **2. PALAVRAS GERADORAS PARA O ENCONTRO**

Pandemia. Femicídio. Redes de Enfrentamento

## **3. CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

No Brasil, a pandemia causada pelo novo coronavírus teve início no final de fevereiro/2020 com a confirmação de casos testados positivos para o SARS-CoV-2 causador da Covid-19. Seguiu-se alarmante aumento de novos casos confirmados e por consequência o isolamento social, período que atingiu todos os setores, como economia, educação, cultura, esportes, religião, escolas e universidades.

Diante dessa nova realidade, alguns setores e grupos foram fortemente afetados, muitos órgãos de garantia de direitos, suspenderam seus serviços ou passaram a atender de forma reduzida e/ou remota através de aplicativos, o que impactou as populações vulneráveis e empobrecidas pois era necessário que estas tivessem posse de pelo menos um aparelho celular, com acesso à internet, além de saberem manusear tais aplicativos.

Nesse contexto estão inseridas mulheres e meninas em situação de violência, as quais neste período pandêmico sofreram maior número de agressões, pois os episódios aumentaram e se agravaram.

## **4. TÉCNICA DE APRESENTAÇÃO E INTEGRAÇÃO**

Escolha uma das músicas sugeridas, conforme público e linguagem mais apropriados. Coloque a canção para ouvirem, em som ambiente, garantindo boa compreensão - é interessante ter

---

<sup>1</sup> Ministra encarregada Paróquia da Santíssima Trindade, assistente social e coordenadora da casa de apoio a mulheres em situação de violência Noeli dos Santos.

a letra impressa para a leitura e melhor compreensão da música. Após esse momento, pergunte a cada pessoa o que mais lhe chamou atenção na música (sem forçar quem não quer falar). Para facilitar, peça que cada participante verbalize com uma palavra ou frase completa da música, use essa estratégia para uma breve explanação do assunto em pauta, acerca da importância da sensibilização do tema e da responsabilidade de todos no combate à violência.

### Sugestão de músicas

***Respeita*** (Ana Cañas); ***Respeita as mina*** (Kell Smith); ***Desconstruindo Amélia*** (Pitty); ***Não precisa ser Amélia*** (Bia Ferreira); ***Mulher da minha vida*** (Margareth Menezes)

*Observação:* Antes de abrir a fala para o grupo, pontue a importância da confidencialidade, isto é, enfatize que o que é dito em relato no grupo é confidencial e deve ficar entre as pessoas participantes, gerando um espaço seguro e confiável a todas.

## 5. PARTILHA DO TEMA

A pandemia trouxe novos desafios e complexidade para o enfrentamento à violência já sofrida, que foi potencializada com a redução ou cessamento dos serviços dos órgãos de garantia de direitos. Em decorrência, passou a haver maior lentidão nos encaminhamentos em questões como divórcio, partilha de bens, regularização de guarda das filhas e dos filhos, além da dificuldade de punição quando há descumprimento da medida protetiva por parte do autor da violência – assuntos fundamentais para que a mulher consiga seguir adiante, ou seja, fora de um contexto de violência.

As redes de enfrentamento e atendimento sofreram retrocessos e desarticulações que contribuíram para a queda de qualidade dos serviços ofertados pelos órgãos de garantia de direitos, não só por causa da pandemia, mas por ações e omissões do Governo Federal. O confinamento destas mulheres com o agressor reduziu as oportunidades que tinham para fugir e buscar ajuda (em geral na ausência do autor da violência, quando este sai para trabalhar), crescendo as “motivações” para as agressões e violências. Soma-se a essa difícil situação a precariedade econômica, já que muitas têm filhas e filhos com o agressor e não possuem independência financeira. Assim, é uma mistura de sentimentos: por um lado querem denunciar e por outro querem voltar atrás.

Conforme vimos, constata-se a diminuição de registros de ocorrências, pois estes devem ser feitos pela própria vítima e, portanto, sua presença é necessária nos devidos espaços de denúncia. A impossibilidade acaba gerando o aumento de casos de feminicídio em nosso país, que é o quinto no mundo com a maior taxa desse tipo de crime. Segundo a Organização Mundial da Saúde<sup>2</sup> (OMS), a média é de 4,8 assassinatos para cada 100 mil mulheres.

Com os decretos de isolamento e as novas configurações dos modos de trabalho, essas mulheres começaram a passar um tempo mais longo ou contínuo com seus agressores, o que levou ao

---

<sup>2</sup> Disponível em: < <https://www.ufsm.br/midias/experimental/integra/2021/01/22/pandemia-escancara-o-femicidio-e-a-subnotificacao-no-brasil-e-no-mundo/>. Acessado em: 26 jan.21.

aumento dos episódios de violência. Houve uma redução dos meios de acesso às denúncias, tendo sido necessária a criação de novas estratégias, a exemplo da Campanha Sinal Vermelho cuja idéia é que a mulher possa pedir ajuda, desenhando em vermelho (de preferência) o sinal “X” na palma da mão. Esse gesto funciona como um sinal de denúncia de forma silenciosa e discreta referente à situação de violência. O objetivo da campanha é que a pessoa que perceber este sinal na mão de uma mulher possa acionar imediatamente a polícia a fim de que esta socorra a vítima e identifique o agressor.

No dia 9 de março de 2015 entrou em vigor a Lei do Femicídio (Lei 13.104/15), o assassinato de mulheres justamente por serem mulheres. A lei considera feminicídio quando o assassinato envolve violência doméstica e familiar, menosprezo ou discriminação à condição de mulher da vítima. A nova legislação alterou o Código Penal (Decreto-Lei 2.848/40) e estabeleceu o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio. Também modificou a Lei de Crimes Hediondos (Lei 8.072/90) para incluir o feminicídio na lista.<sup>3</sup>

Considerando tal realidade, somos levadas a indagar: *De que modo a Igreja pode ajudar acerca dessa triste realidade, já existente antes da pandemia, mas agravada após esse período de isolamento social? Quais serviços de apoio existem e com os quais se pode contar para ajudar uma mulher em situação de violência?*

Mesmo com sinal sutil de alguma situação de violência, lideranças religiosas, vizinhas(os), amigas(os), parentes devem, de forma cuidadosa e sem expor a mulher, fazer uma denúncia ou ofertar meios de denúncia a essa vítima ou mostrar sinais de apoio. Se no grupo houver algum sinal de denúncia ou fala de situação de violência, procure conduzir de forma que não exponha a pessoa, mas caso ela se sinta segura em falar, não corte sua fala, acolha-a e só depois faça as orientações necessárias.

É preciso que todo o grupo compreenda a complexidade que a mulher enfrenta no processo de rompimento do ciclo de violência: a baixa autoestima provocada pela violência, filhos sem planejamento pela falta de acesso ou proibição de métodos contraceptivos, o fato de não ter profissão ou experiência profissional, não ter apoio da família ou com quem buscar apoio.

## **6. O QUE LEVO DESTE ENCONTRO?**

- A importância de a Igreja criar espaços seguros, que gerem confiança levando as pessoas a buscar ajuda para o rompimento da violência.
- A consciência de que a ruptura da violência também é responsabilidade nossa, como cidadãos e cidadãos nesse processo.

## **7. MOMENTO DE ORAÇÃO**

*Ó Ruáh Divina, de quem todos os pensamentos de verdade, justiça e paz procedem, acende em nossos corações os sentimentos de justiça, para que sejamos agentes de garantia de direitos e voz*

---

<sup>3</sup> Disponível em <<https://www.camara.leg.br/noticias/643729-lei-do-femicidio-faz-cinco-anos/>>. Acessado em: 26 jan.21.

*profética na vida das pessoas em vulnerabilidade, conserva sob tua proteção as pessoas que humildes invocam teu nome, a fim de que, na certeza de teu amparo, jamais tenhamos as forças do mal, e que tenhamos a força e a delicadeza de sermos espaço seguro de refúgio a quem de nós necessita. Seja conosco hoje e sempre. Amém*

## **8. MOMENTO DE DESPEDIDA**

Formar pequenos grupos ou duplas, dependendo da quantidade de participantes. Cada grupo/dupla deve fazer um desenho que represente algo positivo vivido no encontro, algo que deixe feliz ou promova relaxamento. Pedir para que um representante de cada grupo/dupla apresente o desenho. As produções e falas podem ser retomadas para fechar o encontro, os depoimentos finais podem ser usados como uma meta para o futuro ou uma forma de autocuidado.

Materiais necessários: folhas A4 em branco, lápis preto e lápis de cor, para cada participante.

## 1. OBJETIVOS DO ENCONTRO

- Contribuir para que a IEAB possa dialogar sobre a prevenção das violências contra as crianças e os adolescentes em suas comunidades de fé.
- Conceituar as violências contra as crianças e os adolescentes.
- Reconhecer os sinais das violências para assegurar que a Igreja seja um espaço seguro para todas as pessoas.

## 2. PALAVRAS GERADORAS PARA O ENCONTRO

Crianças. Diálogo. Adolescentes. Igreja. Violências.

## 3. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As violências praticadas por adultos contra as crianças e os adolescentes atravessam a história da humanidade. Existem diversos relatos sobre infanticídios, abusos sexuais, incestos, castigos, sacrifícios e espancamentos em diferentes culturas. Segundo Amaral e Mattioli (2004, p.149) “Na tradição judaica a criança sofria abandono, tanto pelos pais como pelo Estado. O ato dos pais de desampararem seus filhos e filhas era perfeitamente aceito, já que estes tinham poder de vendê-los, caso necessitassem ou simplesmente não quisessem dividir os bens”, e tais práticas não eram consideradas violências naquele contexto histórico.

Não pretendemos julgar os relatos históricos, devemos considerar o fato de que essas culturas somente podem ser compreendidas a partir de suas próprias teias de significados; não nos cabe fazer uma leitura direcionada, fora de contexto e da cosmovisão da época em que os fatos ocorreram. Diante disso, recordamos que alguns textos na Bíblia, tanto no Antigo Testamento (AT) quanto no Novo Testamento (NT), mencionam sofrimentos de crianças e adolescentes.

Com o propósito de estimular o diálogo nas comunidades de fé, observemos dois versículos citados no AT, que até hoje são usados para legitimar outras violências físicas: “Castiga o teu filho,

---

<sup>1</sup> Leiga na DAR. Mestre em Psicologia Clínica, linha de pesquisa Família e Interação Social. Trabalha com os temas HIV/AIDS, violência de gênero e doméstica, famílias e juventudes em situações de vulnerabilidade social.

enquanto há esperança, mas não te excedas a ponto de matá-lo” (Provérbios 19.18); “Não retires da criança a disciplina, pois se a fustigarás com a vara, não morrerá. Tu a fustigarás com a vara e livrarás a tua alma do inferno” (Provérbios 23.13-14) .

Na perspectiva de continuar fomentando ações dialógicas, e a partir da realidade comunitária, podem ser levantados outros exemplos bíblicos sobre violações sexuais, físicas e psicológicas contra as crianças e adolescentes e que são naturalizadas, ainda hoje, em nosso cotidiano. Considerando textos como esses, prosseguimos questionando: *Será que muitas vezes eles são usados fora de contexto para legitimar as violências? Será que as famílias podem usar de uma retórica religiosa com apelo à Bíblia como forma de justificar as violências cometidas por pais e mães? Será que as lideranças religiosas, respaldadas em textos da Bíblia, não estão cometendo abuso de poder ao defenderem a perpetração das violências contra crianças e adolescentes? Será que os textos são lidos e usados, ainda hoje, fora de contexto e da cosmovisão da época em que foram escritos?*

Assim, as comunidades de fé têm a responsabilidade de desconstruir, desmitificar os ensinamentos de textos bíblicos sobre tal temática e que são interpretados equivocadamente. Textos não devem ser lidos fora do contexto em que foram escritos nem ensinados como verdades absolutas e/ou usados conforme interesses políticos, ideológicos e culturais. É necessário trabalharmos urgentemente dentro das casas de formação religiosa a partir de uma teologia cujo eixo proponha reflexões para debater e fomentar políticas públicas, realize leituras dos textos bíblicos com os óculos da cidadania. Teologia e pastoral não podem se fechar dentro do universo religioso, pois ambas estão inseridas na sociedade.

#### **4. TÉCNICA DE APRESENTAÇÃO E INTEGRAÇÃO**

***Técnica do nó humano (30min)*** – Quem coordena o encontro solicita que o grupo faça um círculo e todas as pessoas participantes se deem as mãos. Cada integrante precisará saber quem está ao seu lado direito e esquerdo. Depois, enquanto uma música é tocada, o grupo deve se misturar. Quando a música parar de tocar, as pessoas também devem parar de se movimentar, procurar seus pares iniciais (da direita e da esquerda) e dar-lhe as mãos, porém, sem saírem do lugar onde se encontra naquele momento. Isso fará que mãos, braços e corpos possivelmente fiquem entrelaçados, e as pessoas terão de desfazer o “nó humano”, sem largar as mãos dos colegas da direita e da esquerda. A técnica se encerra quando o grupo conseguir voltar à posição de círculo inicial. Em seguida irão conversar sobre as apreensões e percepções de cada qual.

#### **3. PARTILHA DO TEMA**

Crianças e adolescentes (que por definição estão na faixa etária entre 0 e 12 anos incompletos e dos 12 aos 18 anos, respectivamente), são pessoas em desenvolvimento, categorias socialmente construídas e independentemente de sua classe social, raça/etnia, orientação sexual, identidade de gênero, de seu credo/religião, sejam cadeirantes, cegas, surdas, do centro urbano ou rural, enfim,

todas são consideradas sujeitos de direitos, crianças e adolescentes cidadãs com histórias de vida singulares e diferentes<sup>2</sup>.

Convém lembrar que vivemos em uma sociedade marcada por desigualdades econômicas, sociais, étnico-raciais e de gênero<sup>3</sup>, onde crianças e adolescentes negras e trans são mais vulneráveis que as brancas, a transfobia e o racismo são violências predominantemente hetero-hegemônica que apresentem “suposição de uma sexualidade diferente [orientação sexual] e também uma identificação de gênero oposta ao seu sexo biológico [identidade de gênero] sofrem violências no contexto familiar, escolar e em outros âmbitos sociais”<sup>4</sup> e são invisibilizadas, conforme afirmam pesquisas<sup>5</sup>.

Essa problemática diz respeito à saúde física e mental de crianças e adolescentes e é uma responsabilidade de todos: Estado, escola, igreja e família, os quais geralmente agem com indiferença e/ou são causadores de sofrimentos. Muitas vezes, os responsáveis legais pelas crianças e pelos adolescentes cometem violências “até mesmo sem saber que estão praticando”. Um exemplo é quando corrigem excessivamente as crianças, na tentativa de enquadrá-las ao comportamento hétero-normativo. Também é muito comum acontecer de os adultos esconderem objetos lúdicos ou não deixarem as crianças e adolescentes brincarem à vontade com alguns brinquedos tidos como não adequados ao sexo biológico.

No Brasil, as políticas públicas para as crianças e os adolescentes estão fundamentadas na Constituição Federal de 1988, a qual afirma em seu artigo 227 que “é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar às crianças e aos adolescentes, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”, princípios afirmados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (1992), conforme previstos e assegurados na Carta Magna.

Todo esse aparato jurídico, entretanto, não impede que violências aconteçam, ainda assim são avanços em termos de legislação que norteiam e orientam a sociedade rumo à prevenção e enfrentamento das violações dos direitos de crianças e adolescentes.

As violências contra as crianças e os adolescentes são consideradas pelas pesquisadoras Azevedo e Guerra (1995), Santos (2004) como um fenômeno sociocultural e de saúde pública que

---

2 Convenção sobre os Direitos da Criança das Nações Unidas (1989) quando afirma no Artigo 2º que Os Estados Partes devem respeitar os direitos enunciados na presente Convenção e assegurarão sua aplicação a cada criança em sua jurisdição, sem nenhum tipo de discriminação, independentemente de raça, cor, sexo, idioma, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional, étnica ou social, posição econômica, deficiência física, nascimento ou qualquer outra condição da criança, de seus pais ou de seus representantes legais.

3 UNICEF (2014) “Toda criança, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero real ou percebida, tem direito a uma infância segura, saudável e livre de discriminação. O mesmo princípio aplica-se a todas as crianças, independentemente da orientação sexual ou identidade de gênero de seus pais. Tanto a Convenção sobre o Direito da Criança quanto a Declaração Universal de Direitos Humanos deixam claro que os direitos humanos são universais. Nenhuma pessoa – criança ou adulto – deve sofrer abuso, discriminação, exploração, marginalização ou violência de qualquer espécie por qualquer motivação, inclusive com base na sua orientação sexual ou identidade de gênero real ou percebida (...)”

4 Marília Albuquerque é leiga da Catedral Anglicana do Bom Samaritano da Diocese Anglicana do Recife-DAR e ativista pela ONG Mães da Resistência (2021).

5 Universidade Americana de Columbia, realizou pesquisa com alunos de escola pública com idades entre 13 e 17 anos, concluiu que a probabilidade de adolescentes LGBTQIA+ cometerem suicídio é 5 vezes maior que entre adolescentes héteros.

coexiste nas relações com abuso de poder desigual entre o adulto/autor de violência e as crianças e adolescentes/pessoas que vivem em situação de violência. Predominantemente, os homens heterossexuais, sejam eles vizinhos, tios, pais, avós e padrastos são os autores de violências.

Segundo Azevedo e Guerra (1995) essas violências são

“Todo ato ou omissão praticado por pais, parentes ou responsáveis contra crianças e/ou adolescentes que – sendo capaz de causar dano físico, sexual e/ou psicológico à vítima – implica de um lado, numa transgressão do poder/dever de proteção do adulto e, de outro, numa coisificação da infância, isto é, numa negação do direito que crianças e adolescentes têm de ser tratados como sujeitos e pessoas em condição peculiar de desenvolvimento. (AZEVEDO; GUERRA, 1995, p.36)

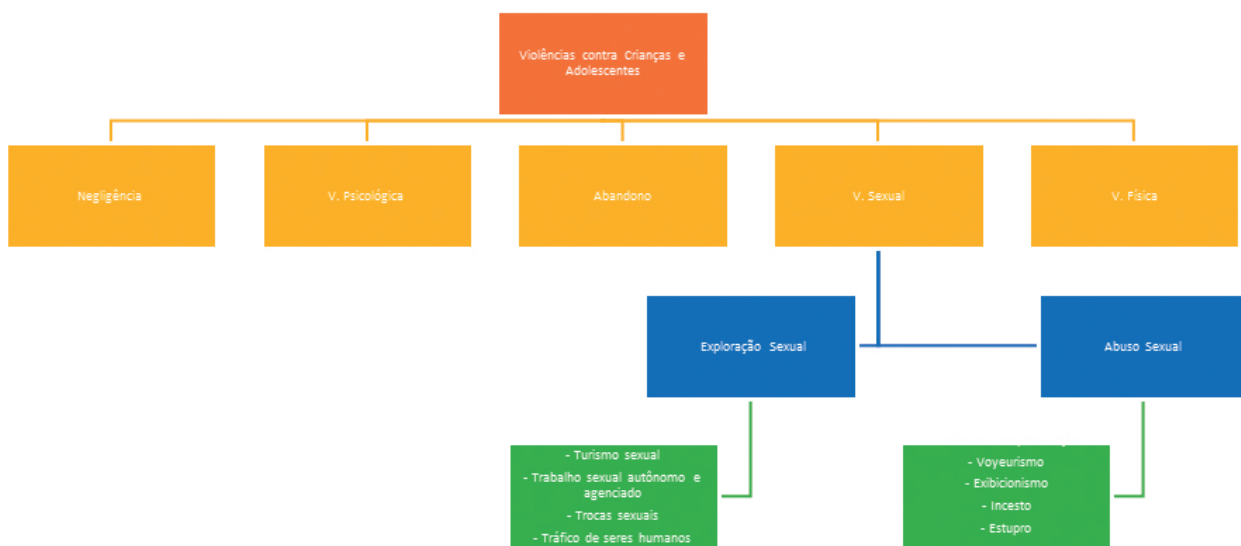
Contudo, percebemos essas violências como um fenômeno mais amplo. Em geral, o adulto/autor de violência pertence a uma rede de afetos do convívio formalizado das crianças e dos adolescentes brasileiros e com as quais estabelecem laços afetivos: pai, mãe, vizinho/a, professor/a, visitantes esporádicos, padrasto/madrasta, babás, médicos e outros, que participam de seus espaços de sociabilidade (casa, escola, clubes, igreja, consultórios médicos).

Com base no exposto, podemos afirmar que as violências têm acontecido tanto no espaço extrafamiliar quanto intrafamiliar, sendo que as ocorridas no interior da família são costumeiramente ignoradas e socialmente interpretadas como “um problema de família” ou como um “assunto privado, doméstico”. Porém, tais ocorrências estão intimamente ligadas à violência de gênero e não são produzidas isoladamente, mas ocorrem em um contínuo de manifestações: inicialmente o pai estabelece relação violenta com a mãe e, por conseguinte, em alguns casos, a mãe também atua com violência contra as crianças e os adolescentes.

Essa conjuntura diz respeito a um ciclo maior em que todos os familiares são atingidos. De acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE/2012), 11,5% das meninas do 9º ano do ensino fundamental já sofreram algum tipo de violência por um membro adulto de sua família, demonstrando que o fenômeno da violência de gênero tem início muito cedo na vida das meninas (crianças e adolescentes) brasileiras.

Lembramos ainda, que os meninos sofrem mais violência física na infância, e à medida que chegam à adolescência os atos de violência contra eles apresentam menores índices. No caso das meninas, a prática da violência física ocorre tanto na infância quanto na adolescência, e sua “taxa de recidivas é de 50% a 60%, quando não se instauram as medidas de proteção” PeNSE/2012. Enfim, crianças e adolescentes têm seus corpos *coisificados*, suas falas e suas atividades anuladas e suas vidas afetiva e social marcadas por manifestações de violências que se constroem entre o individual e o coletivo, entre o público e o privado, configurando-se em violação dos Direitos Humanos das crianças e dos adolescentes.

Do ponto de vista conceitual, as violências contra as crianças e os adolescentes têm sua própria configuração e podem ser compreendidas e/ou agrupadas, para efeitos pedagógicos, em cinco tipos: negligência, violência psicológica, abandono e violência sexual, e esta subdividi-se em abuso, exploração sexual e violência física.



**Negligência** – toda forma de omissão às necessidades básicas de saúde, de educação, de afeto, de cuidado e de proteção; levando em consideração a realidade socioeconômica da família. De acordo com Guerra (1998, p. 33), a “negligência doméstica representa uma omissão em termos de prover as necessidades físicas e emocionais de uma criança ou adolescente.”

**Violência psicológica** – é um conjunto de atitudes, palavras e ações que desacreditam e censuram o outro; rejeitar, isolar, aterrorizar, ignorar, injuriar, gritar com palavras ofensivas e xingamentos, produzir expectativas irreais e/ou extremas exigências sobre a conduta, humilhação. A violência psicológica é considerada por Guerra (1998, p. 33) como tortura psicológica que “ocorre quando um adulto, constantemente, deprecia a criança, bloqueia seus esforços de autoaceitação, causando-lhe grande sofrimento mental.” Apesar de ser o tipo de violência que apresenta maior dificuldade de ser identificada, a violência psicológica é a que mais ocorre e a que acompanha as demais violências.

**Abandono** – afastamento/ausência que expõe o outro à situação de risco. Segundo o Centro Latino Americano de Estudos de Violência e Saúde (CLAVES), 2002, o abandono pode ser parcial, ausência temporária do pai, mãe e/ou responsáveis, expondo a criança e/ou o adolescente à situação de risco, e o abandono total que é o afastamento do grupo familiar, ficando a criança e/ou o adolescente sem habitação, desamparados, expostos às várias formas de perigo.

**Violência sexual** – desde um olhar ao coito, praticado sem o consentimento do outro, violando os direitos, podendo subdividir-se (*afastado 2 cm da margem esquerda*) **abuso sexual** sem contato físico (“voyeurismo”, exibicionismo, pornografia) e com contato físico estupro, atentado violento ao pudor, incesto (*afastado 2 cm da margem esquerda*) **exploração sexual**: trabalho sexual infanto-juvenil agenciado pelos pais e/ou parentes. Segundo Guerra (1998, p. 33), a violência sexual “se configura como todo ato ou jogo sexual, relação hétero ou homossexual, entre um ou mais adultos e uma criança ou adolescente, tendo por finalidade estimular sexualmente esta criança ou adolescente ou utilizá-los para obter uma estimulação sexual sobre uma pessoa ou de outra pessoa”.

**Violência física** – todo e qualquer dano físico, pode ser compreendida desde um tapa a um espancamento fatal – Em 1984, Azevedo e Guerra dizem que a violência física “é entendida como o emprego de força física contra a criança, de forma não acidental, causando-lhe diversos tipos de ferimentos” (p. 41).

Após conceituar os tipos de violências, podemos identificá-las no cotidiano das crianças através de diversos indicadores tais como: físico, psicológico, comportamental, entre outros. Lembrando que não devemos considerar um indicador isoladamente, mas em conjunto com outros indicadores, sinais e no contexto em que se apresentam. Exemplo:

- Indicadores de violência psicológica: baixo conceito de si próprio; regressão a comportamentos infantis; dificuldades e problemas escolares (sem limitações cognitivas e intelectuais);
- Indicadores de violência física: presença de lesões físicas; ocultamento de lesões antigas; hematomas e queimaduras em diferentes estágios de cicatrização; contusões em parte do corpo que geralmente não sofre com quedas habituais; baixa autoestima, considerando-se merecedor das punições; desconfia de contatos com adultos; está sempre em alerta.
- Indicadores do abandono e negligência: padrão de crescimento deficiente; necessidades não atendidas como higiene, alimentação, educação, saúde (vacinas atrasadas); fadiga constante; pouca atividade motora pela falta de estimulação.
- Indicadores de violência sexual: lesões e infecções; gravidez indesejada/precoce; IST's / HIV/AIDS; distúrbio do sono/pesadelo; dores de cabeça frequentes; erupção na pele; medo, desconfiança e vergonha excessiva; culpa e autoflagelação; isolamento social; depressão e ideias suicidas; comportamento violento e autodestrutivo; ansiedade generalizada.

## 6. O QUE LEVO DESTE ENCONTRO?

Precisamos reconhecer os sinais e os indicadores das violências contra crianças e adolescentes, para que possamos indentificá-los na vida das meninas e meninos de nossas famílias, igrejas, espaços de fé e demais territórios.

É dever de todas as pessoas defender, proteger e cuidar de crianças e adolescentes. “Deixai vir a mim os pequeninos, porque deles é o reino dos céus.” (Mateus 19.14) Que a igreja seja um lugar seguro, para acolher e promover os direitos de crianças e adolescentes.

## 7. MOMENTO DE ORAÇÃO

*Suplicamos a Deus, que é pai e mãe, que tenha misericórdia das famílias que equivocadamente defendem o uso da força física como meio de educar filhas e filhos; que mães, pais e responsáveis desses lares não usem as diversas formas de violência acreditando que assim poderão educar as crianças e nem ensinem seus descendentes a aceitarem e a suportarem as violências como algo natural em seu processo educativo e religioso. Deus materno, colocamos em teu amoroso colo crianças e adolescentes que vivem em situação de violência física, psicológica e/ou sexual. Suplicamos teu cuidado e proteção.*

## 8. MOMENTO DE DESPEDIDA

Música “Tempo rei” – Gilberto Gil

## **1. OBJETIVO DO ENCONTRO**

- Sensibilizar as pessoas sobre a gravidez na adolescência e suas consequências.

## **2. PALAVRAS GERADORAS PARA O ENCONTRO**

Adolescência. Gravidez. Educação. Trabalho. Família.

## **3. CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

No Brasil, segundo dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), a taxa de adolescentes grávidas ainda é uma das maiores, entre os países da América Latina e Caribe. Por isso, o país se preocupa tanto com ações de prevenção à gravidez não desejável na adolescência e com o intuito de ampliar e assegurar os direitos dessas jovens. Apesar de se observar uma gradativa redução nas taxas de gravidez entre as adolescentes no Brasil, ainda estamos acima da média mundial, com altos índices de gestação precoce.

A gestação na adolescência ocorre com mais frequência em meninas de menor escolaridade (muitas vezes já fora da escola), de contextos de baixa renda, com dificuldade de acesso aos serviços públicos e em situação de maior vulnerabilidade social. Entre os fatores que estão mais relacionados à gestação podemos citar: início prematuro da vida sexual, baixo uso de métodos contraceptivos, violência sexual, situações de abuso, uniões precoces e a desinformação sobre sexualidade responsável e planejamento familiar.

A gravidez na adolescência é considerada uma gestação de alto risco. Para a mãe existem as consequências emocionais, sociais e econômicas; para o recém-nascido há, muitas vezes, a ocorrência de parto prematuro e o baixo peso ao nascer.

Anualmente, no dia 26 de setembro, lembramos o Dia Mundial da Prevenção à Gravidez na Adolescência, momento de alerta sobre a importância da informação e da orientação para prevenir a gravidez precoce e ampliar as discussões sobre as violências e abusos que vitimizam adolescentes.

---

<sup>1</sup> Enfermeira com especialização em Saúde da Família e Enfermagem Oncológica. Experiência na área Materno Infantil, atua na Maternidade do Hospital Escola da Universidade Federal de Pelotas.

No Brasil, também lembramos a Semana Nacional de Prevenção à Gravidez Precoce, instituída pela Lei nº 13.798/2019<sup>2</sup>, com o objetivo de disseminar informações sobre medidas preventivas e educativas que contribuam para a redução da incidência da gravidez na adolescência.

#### 4. TÉCNICA DE APRESENTAÇÃO E INTEGRAÇÃO

- 1º passo:** No centro de um círculo formado pelas pessoas participantes, a coordenação colocará uma caixa grande, fechada. Dentro da caixa, poderá haver: 1 par de sapatinho de bebê, 1 fralda, 1 mamadeira, 1 sutiã, 1 chupeta, 1 estojo escolar, 1 batom, 1 sapato com salto alto, 1 boneca, 1 bola, 1 livro de contos de fada, 1 aliança, 1 foto de casamento ou outro item que julgar pertinente.
- 2º passo:** Na sequência, a coordenação inicia a dinâmica solicitando a uma participante que abra a caixa e retire de dentro, sem escolher, um objeto. Cada pessoa retirará algo da caixa e aguardará.
- 3º passo:** A coordenação promoverá a reflexão do grupo sobre o tema, propondo a seguinte situação: *Observem este objeto que vocês têm nas mãos e procurem pensar como se fossem uma adolescente, com 13 ou 14 anos, que está grávida. Tentem responder às seguintes questões: 1. O que eu penso que perdi com esta gravidez? 2. O que eu penso que ganhei com esta gravidez?*
- 4º passo:** Após todas falarem sobre os ganhos e perdas, incentivar cada pessoa do grupo participante a falar acerca de um desafio que aquele objeto representa ou representou. Procure mostrar que aquela experiência pode significar uma forma de luta para serem felizes!

#### 5. PARTILHA SOBRE O TEMA

De acordo com a Lei 8.069, de 13 de julho de 1990, conhecida como Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)<sup>3</sup>, criança é a pessoa de até 12 anos de idade incompletos e adolescente é a pessoa com idade entre 12 e 18 anos.

A iniciação sexual das adolescentes ocorre cada vez mais precocemente e, muitas vezes, sem orientação correta, o que as sujeita às consequências de suas atitudes, isto é, provoca mudanças significativas em sua vida: a gravidez é um desses resultados, com elevada incidência. Essa situação pode acarretar vários problemas para as adolescentes e suas famílias, já que se trata de um período em que gerar e criar um filho exige uma responsabilidade para a qual não estão preparadas e que requer maturidade e solidariedade familiar.

Dentre os muitos problemas a serem enfrentados pela adolescente grávida podemos citar: privação da liberdade, vergonha perante seus grupos de amizades, dependência financeira, riscos

---

2 Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2019-2022/2019/Lei/L13798.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2019/Lei/L13798.htm)

3 Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm)

à saúde, ao tentar interromper a gestação, evasão e ausência escolar e dificuldade de se inserir no mercado de trabalho.

Inúmeros casos de gravidez na adolescência também decorrem de abusos e de violência sexual. Algumas situações são os casamentos informais ou uniões precoces e forçadas, geralmente com homens mais velhos. Ainda, por muitas vezes, essas adolescentes criam os filhos sozinhas, em decorrência do abandono de seus parceiros. Uma das consequências de uma gravidez não planejada é a alteração dos projetos de vida, o que contribui para a perpetuação dos ciclos de pobreza, desigualdade e exclusão dessas adolescentes e de suas famílias. Nesse contexto, o ambiente familiar tem forte influência no início da vida sexual. Adolescentes de famílias em situação de pobreza, com baixo nível de educação, a exemplo das indígenas, afrodescendentes ou moradoras da zona rural, estão mais propensas a seguirem esse ciclo familiar. É comum encontrarmos adolescentes grávidas, cujas mães também tiveram início precoce da vida sexual e/ou também engravidaram, quando muito jovens.

Vimos que o apoio familiar se torna de extrema importância e, diante de uma gravidez indesejada, algumas famílias assumem compromisso, porque têm condições de apoiar filhas e filhos adolescentes, a fim de que mantenham o estilo de vida e não abandonem os estudos ou trabalho. Entretanto, nem sempre isso acontece, pois não ocorre esse suporte e proteção familiar. Há muitos fatores de impedimento, como costumes familiares, valores morais da sociedade, dificuldades econômicas, sociais e até uma rejeição da gravidez pela jovem.

Para minimizar as consequências de uma gestação precoce ou não planejada na adolescência é preciso traçar estratégias eficazes. Precisamos, portanto, aumentar o acesso às informações sobre prevenção da gravidez e oferecer uma boa educação sexual, adequada a cada faixa etária para que as/os adolescentes tomem decisões, baseadas em informações e esclarecimentos fundamentais sobre o assunto. Desse modo, serão, de fato, responsáveis pelos seus corpos e vidas, pois tais conhecimentos poderão trazer-lhes empoderamento, autonomia e autoestima.

É necessário que exista uma rede de proteção efetiva para as adolescentes, que as informe sobre os diversos tipos de violência a que estão expostas e que as oriente sobre como denunciar e buscar ajuda para que possam desenvolver seu potencial e exercer seus direitos. A família também precisa de acompanhamento para apoiar e proteger filhas ou filhos adolescentes, envolvidos por uma gravidez não planejada, nem desejada.

No encaminhamento e acompanhamento de uma adolescente grávida, devemos orientar e conscientizar a futura mãe sobre as consequências imediatas e remotas da maternidade: as dificuldades decorrentes do cuidado com a criança que vai chegar e seu desenvolvimento; a preocupação necessária com a própria saúde para poder amamentar e/ou alimentar, atender e cuidar da sua criança; o zelo pela vida pessoal para que não interrompa os estudos e possa almejar ter uma profissão que lhe assegure sucesso e felicidade, bem como de sua futura família. Só assim, talvez, possamos ver interrompido o ciclo de gravidez na adolescência.

## 6. O QUE LEVO DESTE ENCONTRO?

A esperança de que uma gravidez na adolescência, mesmo que não planejada, seja sempre um motivo de alegria e de confiança na providência divina; a confiança de que Deus capacita as pessoas para enfrentarem e vivenciarem a maternidade, de forma responsável e, assim, poderem sonhar com a felicidade; a expectativa de que a gravidez na adolescência passe a ser pauta de projetos de iniciativa das instituições sociais e religiosas, visando dar atenção, cuidado, proteção e alternativas para essas jovens, como parte de uma rede de atendimento, o mais completa possível.

## 7. MOMENTO DE ORAÇÃO

*Ó Deus, de bondade e misericórdia, Pai e Mãe da humanidade, lembramos do cuidado de Jesus com as crianças, das quais é o teu Reino! Por isso, pedimos pelas meninas e meninos adolescentes, que podem ter a surpresa de uma gravidez indesejada e não planejada. Faze que suas famílias sejam responsáveis por dar-lhes a necessária orientação para se prevenirem e, quando for o caso, o devido apoio, a fim de que não lhes falte acolhimento e proteção nos momentos de dificuldade; que possam encontrar no serviço público o suporte para as necessidades e emergências decorrentes da gravidez e do parto. Confiamos em ti, Senhor, para que permitas que todas as experiências vividas, durante a gravidez na adolescência, possam ser de bênçãos e de possibilidades para a construção de um futuro melhor para as pessoas por ela envolvidas. Por Jesus Cristo que te pedimos, Senhor! Amém!*

## 8. MOMENTO DE DESPEDIDA

Damos graças a Deus por mais esta iniciativa da Igreja e do SADD, procurando responder aos constantes apelos da sociedade e das famílias que experimentam a insegurança e a preocupação com os rumos da vida de adolescentes que enfrentam os problemas de uma gravidez precoce e suas decorrentes dificuldades para a continuidade dos estudos e a possibilidade de trabalho para essas meninas/mães.

Agora, vamos falar de esperança, cantando **Meninas, Marias, Mulheres, Xico Esvael!**

[Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/xico-esvae/730900/>> Acessado em 6 jan.2022.]

## 1. OBJETIVOS DO ENCONTRO

- Discorrer, ainda que de forma simples, sobre o que são políticas públicas.
- Identificar ações do poder público voltadas para as mulheres vítimas de violência.
- Reconhecer-se enquanto cidadã e cidadão de direitos.

## 2. PALAVRAS GERADORAS

- Direitos. Cidadania. Lutas. Conquistas. Desafios. Igualdade. Equidade.

## 3. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

### Sobre políticas públicas: o que é e o que tem a ver conosco?

Nós, cidadãs e cidadãos brasileiros, independentemente de raça, etnia, sexo, gênero, orientação sexual, idade, escolaridade, cor, credo, classe social, possuímos direitos e somos iguais perante a lei. Isso é ótimo, mas e daí? O que **políticas públicas** têm a ver com direitos? Tudo! As **políticas** são instrumentos para que os direitos, que estão na Constituição Federal do país, sejam cumpridos, cheguem a cada pessoa, a cada grupo. Isso se dá por meio de conjuntos de programas, ações, decisões, atividades que podem ser nacionais (governo federal), estaduais (governo estadual) ou municipais (governo municipal) e que asseguram às pessoas ou a grupos direitos fundamentais.

Em outras palavras, **políticas públicas** nascem<sup>2</sup> das demandas, das necessidades sociais, ou seja, onde há uma necessidade coletiva identificada, a própria sociedade pode e deve mobilizar-se e reivindicar que ações ou um conjunto de ações (**políticas públicas**) sejam adotadas a fim de garantir melhorias e oferecer dignidade às pessoas. O programa *Minha Casa, Minha Vida* é um exemplo de política pública implementada visando ao enfrentamento do *déficit* de moradia.

---

1 Professora no ensino superior, mestre em Educação, graduada em Letras e Teologia. Pastora anglicana, ministrante de cursos, palestrante em espaços religiosos e acadêmicos. Interessa-se por teorias hermenêuticas, análise do discurso, igualdade de gênero, linguagem, argumentação, mulher e teologia. Palestrante em espaços religiosos e acadêmicos.

2 Como nasce e se concretiza uma política pública. Disponível em: <https://www.cenariosocial.com.br/post/2018/08/24/como-nasce-e-se-concretiza-uma-pol%C3%ADtica-p%C3%BAblica> Acesso em: 5 out.2021.

Assim, podemos dizer que as *políticas públicas* afetam cada integrante da sociedade e dizem respeito a todas as pessoas, pois têm a ver com saúde pública, educação, cultura, ações ambientais, cuidado com as pessoas idosas, proteção às mulheres – assuntos que interferem diretamente na vida e na promoção de uma sociedade melhor e mais igualitária.

### **Sobre políticas públicas em prol das mulheres, elas existem?**

Em se tratando das mulheres, primeiramente é preciso considerar as históricas desigualdades sociais, de gênero, de sexo, as diferenças no exercício dos direitos e no acesso a eles, o fato de os poderes públicos deixarem ainda muito a desejar quando o assunto é a defesa, a proteção da mulher vítima da violência. Sabemos que até 2006 as violências domésticas permaneciam confinadas ao espaço da casa, sem nenhuma política pública que defendesse as vítimas ou penalizasse aquele que praticava a violência, e sabemos também que homicídios eram cometidos em nome da “legítima defesa da honra” masculina.

Felizmente, avanços ocorreram e fomentaram políticas públicas em prol das mulheres e das mulheres vítimas de violência. Três conquistas feministas iniciais merecem registro: em 1985 é inaugurada a **primeira Delegacia de Defesa da Mulher**, em São Paulo; em 1986 é criado o **Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM)** e a **primeira Casa-Abrigo** do país (estado de São Paulo) para mulheres em situação de risco de morte. Em 2003 foi criada a **Secretaria de Políticas para as Mulheres**, o que representou um fortalecimento nas ações de enfrentamento e combate à violência; em 2006 foi decretada a Lei 11.340, **Lei Maria da Penha**, considerada umas das maiores conquistas e um importante avanço legal; em 2006, o Ministério da Saúde implantou o **Sistema de Vigilância de Violências e Acidentes (VIVA)**; em 2011, definiu-se a **Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres**.

*Prevenção, combate, enfrentamento à violência e assistência às vítimas* são os 4 eixos da Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra a Mulher e são eles que orientam as ações fundamentais *das e nas* políticas públicas. A implantação das Delegacias da Mulher, por exemplo, representa uma política pública municipal para o cumprimento das metas do plano nacional.

## **4. TÉCNICA DE APRESENTAÇÃO E INTEGRAÇÃO**

**Sugestão 1** – Leve as pessoas participantes a perceberem a própria cidadania. Para isso, entregue a elas um papel em branco. Peça que cada mulher participante reflita sobre o *papel que desempenha* e a importância que ela possui nos diferentes espaços onde circula (casa, comunidade, cidade, país) e, se possível, anote no papel; reflita também sobre o reconhecimento que recebe, as dificuldades enfrentadas (pessoais e coletivas). Peça ao grupo que converse sobre as necessidades básicas das mulheres do bairro, das negras, das pobres, das indígenas e das idosas.

\*\*Atenção, pode haver no grupo quem não saiba escrever, tenha cautela para não expor ninguém.

**Sugestão 2** – Apresente os temas dos capítulos do **Plano Nacional de Políticas para as Mulheres, 2013-2015 (p.5)**. Permita que conversem e opinem sobre a importância de cada assunto, de que forma cada tema é percebido e recebido pelas participantes, que experiência cada uma possui para compartilhar, de que modo o assunto abordado está presente no cotidiano, nas relações, na igreja, por exemplo.

1. Igualdade no mundo do trabalho e autonomia econômica.	6. Desenvolvimento sustentável com igualdade econômica e social.
2. Educação para igualdade e cidadania.	7. Direito à terra com igualdade para as mulheres do campo e da floresta.
3. Saúde integral das mulheres, direitos sexuais e direitos reprodutivos.	8. Cultura, esporte, comunicação e mídia.
4. Enfrentamento de todas as formas de violência contra as mulheres.	9. Enfrentamento do racismo, sexismo e lesbofobia.
5. Fortalecimento e participação das mulheres nos espaços de poder e decisão.	10. Igualdade para as mulheres jovens, idosas e mulheres com deficiência.

Disponível em: <[https://oig.cepal.org/sites/default/files/brasil\\_2013\\_pnpm.pdf](https://oig.cepal.org/sites/default/files/brasil_2013_pnpm.pdf)> Acesso em: 10 de out.2021.

## 5. PARTILHA DO TEMA

É triste falar sobre o tema deste encontro, especialmente em um país declaradamente cristão. A necessidade urgente dessa abordagem revela o quanto, historicamente, as mulheres sofreram e sofrem por serem mulheres e o quanto temos falhado em relação ao maior mandamento “Amai-vos uns aos outros assim como eu vos amei” (João 13.34). É lamentável constatar que mesmo nos espaços religiosos, nos territórios de fé, ocorrem diariamente abusos e crimes. E ainda que haja políticas públicas, campanhas, conscientização, as estatísticas permanecem elevadas e as muitas violências persistem.

Proponho que retomemos alguns dos princípios **do I e II Plano Nacional de Políticas para as Mulheres** e procuremos aproximá-los de nossa realidade e de alguns ensinamentos bíblicos.

1. **Igualdade e respeito à diversidade** – Mulheres e homens são iguais em seus direitos. A promoção da igualdade implica no respeito à diversidade cultural, étnica, racial, inserção social, situação econômica e regional, assim como os diferentes momentos da vida das mulheres. (leia Romanos 12.4-5)
2. **Equidade** – A todas as pessoas deve ser garantida a igualdade de oportunidades, observando-se os direitos universais e as questões específicas das mulheres. (leia Filipenses 4.5)
3. **Autonomia das mulheres** – O poder de decisão sobre suas vidas e corpos deve ser assegurado às mulheres, assim como as condições de influenciar os acontecimentos em sua comunidade e seu país. Pensemos no protagonismo delas e no modo como afetaram os

acontecimentos: a samaritana, a mulher com fluxo de sangue, a siro-fenícia, as mulheres culpabilizadas pela esterilidade).

4. **Participação e controle social** – O debate e a participação das mulheres na formulação, implementação, avaliação e controle social das políticas públicas devem ser garantidos e ratificados pelo Estado brasileiro, como medida de proteção aos direitos humanos das mulheres e meninas. Pensemos em Cristo, enquanto precursor dos Direitos Humanos.

Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/planonacional\\_politicamulheres.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/planonacional_politicamulheres.pdf)>

Acesso em: 30 set. 2021.

No cenário brasileiro (2021) podem ser constatados significativos retrocessos nas políticas públicas (de modo geral) e nas políticas de enfrentamento à violência contra a mulher. Tendo como parâmetro os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), “um estudo realizado por organizações não governamentais, entidades e fóruns da sociedade civil brasileira aponta que o País vem regredindo nas mais diversas áreas como pobreza, segurança alimentar, saúde, educação, gênero, economia e meio ambiente.”<sup>3</sup> Dados disponíveis nas mídias informam que a Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM), criada em 2003 e uma das grandes conquistas, sofreu forte abalo enquanto instituição ao ser vinculada ao Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH). Também em 2020 (ano de pandemia e crescente violência), a pasta MMFDH utilizou cerca de apenas 30% de seu orçamento para políticas para mulheres.

Segundo as diretrizes da Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres é preciso “Reconhecer a violência de gênero, raça e etnia como violência estrutural e histórica que expressa a opressão das mulheres e que precisa ser tratada como questão da segurança, justiça, educação, assistência social e saúde pública.”

## 6. O QUE LEVO DESTE ENCONTRO?

A importância de conhecer as políticas públicas da cidade, do município; o conhecimento de que Políticas Públicas não são caridade, fazem parte da vida, promovem dignidade, devem ser implementadas pelos governantes e devem ser cobradas pelo povo; a consciência de que todas as pessoas são iguais perante a lei e diante de Deus, possuem direitos e desempenham importante papel nos mais diferentes espaços e, por fim, a consciência da força que habita cada mulher bem como o valor que ela tem.

## 7. MOMENTO DE ORAÇÃO

*Que tenhamos a consciência de nosso papel no mundo, na sociedade, em nossa cidade e em nossa casa. Que homens e mulheres construam caminhos para uma convivência amigável, respeitosa e solidária. Que aquelas pessoas que nos governam sejam cobrados em seus corações e consciências*

---

3 Disp.em: <<https://artigo19.org/2021/07/12/relatorio-aponta-retrocessos-em-politicas-publicas-do-brasil/>> Acesso em: 27 set. 2021.

*a cumprirem seu papel de modo a proporcionar qualidade de vida e dignidade ao povo. Oramos em nome de Jesus Cristo. Amém.*

## **8. MOMENTO DE DESPEDIDA**

**Jardim do Elogio.** Providencie um vaso com flores, uma para cada participante. No momento da despedida, peça a cada pessoa que retire uma flor do vaso e a entregue a alguém do grupo com uma palavra de ânimo, coragem e/ou um elogio. A ideia é que as flores sejam nomeadas: *força, alegria, coragem, amor, luta, esperança* e assim por diante. Ao oferecer a flor, a pessoa que entrega deve dizer: Esta é a (esperança). Entrego a você a flor da esperança... (e diz algo para animar a outra pessoa. Podem se juntar (ao final) e registrar o momento com uma foto.

## **9. SUGESTÃO DE VÍDEO(S)**

**A união faz a força.** <[https://www.youtube.com/watch?v=daW\\_i8mvR3s](https://www.youtube.com/watch?v=daW_i8mvR3s)>;  
<<https://www.youtube.com/watch?v=bokv6XlAdgY>>

## 1. OBJETIVOS DO ENCONTRO

- Refletir de forma crítica sobre a ação da Igreja enquanto uma Instituição de referência onde se vivencia a solidariedade, o amor e o respeito, mas que, contraditoriamente, pode cometer abusos diversos contra as pessoas e a Criação.
- Convidar participantes e a comunidade em geral a agir efetivamente na prevenção e no enfrentamento a abusos e/ou violências, começando dentro da própria Instituição, pensando no compromisso cristão da Igreja de se relacionar através de uma ética coerente com todos os seres.

## 2. PALAVRAS GERADORAS PARA O ENCONTRO

Abuso. Instituição. Igreja segura.

## 3. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*O que é abuso institucional? Como identificar um abuso institucional? Quem pode cometer esse tipo de abuso? O que fazer diante de tal ocorrência? O que você entende por igreja segura? Será que a igreja é um espaço seguro?*

Esses e outros questionamentos são importantes para aprendermos a refletir criticamente e sabermos nos posicionar perante relações abusivas bem como para nos comprometermos com uma mudança efetiva de comportamento pessoal e coletiva na prevenção e no enfrentamento às posturas abusivas.

A palavra abuso se origina do latim *abusos* e significa “fazer uso indevido, impróprio ou excessivo de algo; mau uso ou uso injusto, injustiça”<sup>2</sup>. Segundo Neal (2018)<sup>3</sup>, abuso diz respeito

---

1 Psicóloga, especialista em psicologia social e clínica, mestranda em Psicologia pela PUC-GO. Atuação profissional nas áreas social e clínica. Engajada na luta pelos Direitos Humanos, especialmente pela promoção dos direitos das mulheres, prevenção e enfrentamento às violências doméstica e de gênero contra mulheres e meninas.

2 Fontes: Abuso – Dicio, Dicionário Online de Português. Conceito de abuso – O que é, Definição e Significado.

3 Neal, A. 2018. *Relações destrutivas: e se ele é tão bom assim, por que eu me sinto tão mal?* Tradução de Sandra Martha Dolinsky. São Paulo: Editora Gente. ISBN 9788545202363.

a um tratamento inadequado ou maus-tratos. O Código Civil Brasileiro (2002)<sup>4</sup>, em seu art. 187, torna ilícita ou abusiva qualquer atitude que exceda os limites nos âmbitos econômico, social, bem como “da boa fé ou dos bons costumes”. *Boa fé e bons costumes* estão associados aos aspectos psicológico e moral.

Ainda segundo Neal (2018), além do *psicológico*, o abuso também pode ser *moral, sexual, físico e patrimonial*. O que se entende como abuso emocional e abuso verbal são variações do abuso psicológico. Fazendo uma analogia, geralmente o abuso psicológico funciona como uma ponte para que aconteçam os outros tipos de abuso/violência citados acima.

Qualquer tipo de atitude ou comportamento cuja intenção seja assustar, ameaçar, aterrorizar, intimidar, manipular, humilhar, magoar, distorcer, confundir, degradar, culpar, injuriar, ferir alguém são exemplos de abuso. E isso pode acontecer por meio do *controle* ou do *isolamento* da vítima. Para o abuso acontecer não é necessária a existência de nenhum tipo de condição prévia, ele ocorre independente de situação socioeconômica, etnia, faixa etária, religião, escolaridade, localização geográfica, gênero, entre outras características. Porém, estudos e pesquisas de áreas diversas mostram que abusos contra mulheres e meninas são estatisticamente mais frequentes<sup>5</sup>.

A relação abusiva pode estar em qualquer âmbito do relacionamento humano, ou seja, pode ocorrer nas relações de amizade, conjugais, familiares, escolares, profissionais, bem como em espaços de fé. A sociedade é composta e mantida por diversas instituições, cada qual com sua estrutura, sistema de funcionamento e objetivos específicos. Neste texto vamos refletir sobre abusos cometidos dentro da instituição Igreja. Não sejamos pessoas ingênuas: abusos e/ou violências podem acontecer dentro de qualquer Instituição, mesmo ela sendo um lugar onde comumente se recorre ao Sagrado, como é o caso da Igreja.

#### 4. TÉCNICA DE APRESENTAÇÃO E INTEGRAÇÃO

Propõe-se a realização de uma Roda Viva, com base na temática *Abuso institucional* e nas seguintes questões: *O que eu entendo por abuso institucional? Você considera a igreja um espaço seguro?*

**Passos** para a dinâmica:

- a) fazer dois círculos, sendo uma pessoa de frente para a outra, em pé ou sentada;
- b) o círculo interno fica parado no lugar inicial e apenas o círculo externo gira para a esquerda a cada sinal (que pode ser a palavra “troca”) dado pela pessoa facilitadora;
- c) a cada “giro” as duplas dialogam sobre as questões propostas, durante quatro minutos, sendo dois minutos para cada pessoa;
- d) o círculo externo vai girando até chegar diante do par inicial;

4 Presidência da República do Brasil. Casa Civil. (2002). Lei nº 10.406. Código Civil Brasileiro. Brasil, 10 de janeiro de 2002. Recuperado de L10406 compilada (planalto.gov.br).

5 Neal, A. 2018. Cavalcante, A & Soares, I. A. 2009. Violência de gênero contra mulheres e meninas: desafio e compromisso das igrejas. In Orozco, Y. P. (Org). 2009. Religiões em diálogo: violência contra as mulheres. São Paulo: Católicas pelo Direito de Decidir. ISBN 978-85-87598-13.

- e) após esse momento, encerra-se a atividade em dupla e o grande grupo socializa as reflexões referentes ao que foi dialogado.

**Material:** cartazes e caneta hidrográfica, apenas para a pessoa facilitadora registrar a avaliação da técnica.

(\*) A pessoa facilitadora deverá registrar em cartazes as seguintes questões: **a) Foi importante falar sobre abuso institucional? Por quê?** **b) O que eu me comprometo a fazer para prevenir e enfrentar o abuso institucional e quando é hora de começar a agir?** [ respostas também podem ser registradas].

## 5. PARTILHA DO TEMA

*Que abrangências o abuso institucional pode alcançar? Que efeitos podem ocasionar os abusos cometidos pela Igreja? Como proceder perante a ocorrência de uma relação abusiva?*

Aprender a questionar de forma crítica, mas não julgadora e condenatória, sobre nossos comportamentos, sobre as relações sociais é um treino e contribui para mudarmos as estruturas de injustiças e sofrimentos na sociedade. Para tal, é necessário estarmos conectadas com o contexto social e cultural em que se vive. Por exemplo, estamos em um tempo em que desenvolver e manter uma relação abusiva, seja ela qual for, é uma violação dos direitos humanos,<sup>6</sup> pois tal ato intenta contra a integridade e a dignidade humana, gerando repercussões tanto na comunidade, onde possa ter ocorrido o abuso, quanto na sociedade em geral. Por isso, o abuso não é bem-vindo nem se justifica em nenhuma circunstância, em nenhuma relação. No entanto, ele acontece e é mais frequente do que talvez saibamos.

Do ponto de vista social e cultural, a Igreja é uma Instituição “autorizada” a “falar em nome de Deus”, no entanto, ela é formada por pessoas, e estas podem cometer erros, abusos e/ou violências umas contra as outras e contra a Criação. O relacionamento abusivo pode acontecer tanto no sentido *vertical*, quanto no *horizontal*. No vertical, o abuso vem de uma pessoa que ocupa uma posição de hierarquia ou de poder na Instituição; no horizontal, não existe essa posição hierárquica.

Durante a pandemia da Covid-19, a maioria dos templos foram fechados, campanhas foram desenvolvidas e compartilhadas nas mídias sociais. Essas campanhas afirmavam que o edifício poderia ser fechado, mas que a Igreja e o Templo de Deus somos nós, portanto, o relacionamento religioso deveria nos fortalecer e proteger mutuamente diante das ameaças da pandemia. Outros grupos religiosos defendiam a abertura dos respectivos templos e manutenção de cultos e práticas religiosas em geral, colocando em risco a saúde coletiva. Refletindo a respeito dessas campanhas, podemos perceber que o espaço físico não comete violência institucional. A violência institucional está integralmente ligada às relações humanas e pode se manifestar a partir de silenciamentos, do controle, do isolamento, da prática do assédio moral, do autoritarismo e abuso de poder, da

---

<sup>6</sup> Ignácio, J. (2020, 27 de março). Violações de direitos humanos no mundo: qual o panorama?. Obtido em Violações de direitos humanos no mundo: qual o panorama? | Politize!

negação de atenção e cuidado pastoral, bem como da exclusão de irmãs e irmãos que mutuamente se procurem em busca de apoio.

Devido ao desrespeito e a abusos institucionais, em várias situações, a igreja pode não ser um espaço seguro para crianças, adolescentes, mulheres, homossexuais, lésbicas, mulheres ou homens trans, pessoas não binárias, pessoas em situação de rua, idosas, negras, refugiadas, deficientes, ciborgues, nordestinas, entre outras.

Outra forma de abuso de poder se faz através da interferência de lideranças religiosas no processo eleitoral, transformando o púlpito ou o altar em “palanque eleitoral”, através da propaganda política em cultos, missas ou celebrações, como também induzindo o povo, e muitas vezes até forçando, a votar em determinado/as candidato/as<sup>7</sup>.

Segundo Neal (2018), o comportamento abusivo se mantém porque inicialmente não ocorre de forma explícita ou manifesta. Em geral, ele ocorre de forma sutil e forjada, distorcendo a realidade e deixando a vítima, confusa, com sentimentos de autojulgamento, culpa e medo. E esta prática não se restringe ao ambiente doméstico, antes, pode ocorrer em qualquer relação social, inclusive igrejas e instituições baseadas na fé, a exemplo do que preconiza a ação Igreja Segura. Agir de forma sutil, forjada e insidiosa são estratégias comportamentais de abuso psicológico. O abuso de poder por parte da pessoa abusadora favorece a relação de manipulação e controle da vítima, aumentando o sofrimento desta, haja vista que a pessoa abusadora tende a se mostrar simpática, amorosa, divertida e envolvente, apenas quando lhe é conveniente.

Como geralmente nem a vítima nem as outras pessoas ao redor conseguem identificar rapidamente essa forma sutil de agir por parte da pessoa abusadora, os abusos vão se intensificando. É o momento de receber ajuda para sair dessa situação, mas não de forma deliberada, e sim de forma segura. Independente de qual seja o tipo de abuso, ele traz efeitos danosos, comprometendo a saúde psíquica, física, social e espiritual das vítimas.

Enquanto responsáveis por nossas relações sociais, precisamos desconstruir o exercício do poder no qual a sociedade ainda vive, que é hierárquico, autoritário, personalista, excludente, controlador e abusivo. É imprescindível descentralizarmos as relações de poder e nos unirmos para construir relações horizontais, circulares, dialogais e igualitárias em direitos e deveres para todas as pessoas, prevendo a segurança, o bem-estar comum, a escuta qualificada, o acolhimento adequado e o respeito às diferenças.

Enquanto sociedade, precisamos urgentemente de cuidados, afetos, solidariedade, respeito mútuo, garantia de um ambiente de convivência saudável como preconizam os documentos da Igreja que se refere ao tema Igreja Segura. A exemplo de vários seminários desenvolvidos na temática Igreja Segura, e mesmo como proposta desta Cartilha, estamos fazendo a trajetória de criar espaços seguros para a denúncia de atos abusivos cometidos.

---

7 Lei 9.504/97 proíbe a veiculação de propaganda eleitoral em templos religiosos. Guimarães, L.P.C. (nd). Obtido em Artigo 187 – Código Civil Comentado, LIVRO III – Dos Fatos Jurídicos (art. 104 a 232), TÍTULO III – Dos Atos Ilícitos (art. 186 a 188) – <https://www.direitocom.com/codigo-civil-comentado/artigo-187-9>

## 6. O QUE LEVO DESTE ENCONTRO?

Vamos construir coletivamente um resumo do presente encontro. Para isso, vamos registrar o que mais nos chamou atenção na temática.

## 7. MOMENTO DE ORAÇÃO

Deus de amor materno desenvolve em cada pessoa o compromisso da construção de espaços seguros onde se viva plenamente a tua paz e amor, com a garantia de proteção e dignidade de vida para tuas filhas e filhos permitindo que nossa energia e nossa fé se renovem, que nossa consciência se amplie e que nosso compromisso diário do bem viver coletivo se reafirme, pelo amor de teu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém

## 8. MOMENTO DE DESPEDIDA

Após este momento importante de partilha, vamos ouvir uma canção já conhecida, mas vamos fazer isso de forma mais profunda, treinando nossa escuta, prestando bem atenção à letra, refletindo sobre o que ela nos convoca e permitindo que nossa energia e nossa fé se renovem, que nossa consciência se amplie e que nosso compromisso diário na construção do bem-viver coletivo se reafirme. Com vocês, a canção: *O sal da Terra*, Beto Guedes.

Maurício José Araújo de Andrade<sup>1</sup>

## 1. OBJETIVOS DO ENCONTRO

- Sensibilizar as pessoas para uma reflexão sobre a construção e a “reimaginação” de uma nova masculinidade possível.
- Adotar ações que promovam uma vivência humanizadora e libertadora para todas as pessoas.

## 2. PALAVRAS GERADORAS PARA O ENCONTRO

Masculinidade. Virilidade. Gênero. Trabalho. Família.

## 3. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Pensar e refletir sobre uma nova masculinidade nos impõe trilhar um caminho de desconstrução de estereótipos sociais e hegemônicos de uma concepção de masculino que nos reporta ao patriarcalismo arraigado no contexto dos grupos familiares. Há que se começar a construir as possibilidades de um jeito diferente de “ser homem”, diga-se, uma nova masculinidade possível. O pensar sobre tais implicações, com passos que nos envolvem em ações concretas mais humanas e humanizadoras, pode trazer libertação de vida e a compreensão de que um novo modelo é possível!

Essa mudança deve ter sua gênese no íntimo das relações humanas, na conversa do lar, no ambiente doméstico. E para essa construção é necessário ir além de uma mera discussão sobre o assunto, importa viver essa experiência, que começa em casa e se amplia até ocupar os espaços mais coletivos de nossas relações.

O principal desafio reside na construção de relações que produzam experiências horizontais de diálogo, não hierárquicas, caminhando para uma relação que reconheça a mutualidade do ser masculino e feminino.

---

<sup>1</sup> Bispo da Diocese Anglicana de Brasília. Comprometido com os movimentos de denúncias e promoção dos direitos humanos. Coordenador do grupo de diálogo sobre Novas Masculinidades da Diocese Anglicana de Brasília.

## 4. TÉCNICA DE APRESENTAÇÃO E INTEGRAÇÃO

**Jogo das profissões** – Convide o grupo participante a responder rapidamente algumas questões que serão feitas (para isso, cada pessoa deverá ter uma folha de papel e uma caneta). É importante que a resposta anotada seja a primeira que vier à mente. A ideia é que tudo seja respondido em, no máximo, 30 segundos. O grupo deverá anotar o nome da profissão.

**Quem é que:**

- 1) trabalha num hospital ou num consultório vestindo uniforme branco, atendendo pessoas doentes e receitando medicamentos?;
- 2) atua na empresa atendendo telefone, anotando recados e encaminhando documentos importantes?;
- 3) trabalha vestindo roupas mais formais (sociais) e defende causas nos tribunais?;
- 4) ajuda a controlar incêndios e salvar vidas em situações de desastre?;
- 5) cuida de pessoas internadas em hospitais?;
- 6) trabalha realizando limpeza na casa de outras pessoas?;
- 7) estuda teologia, prega e celebra eucaristia / ceia numa Igreja?;
- 8) ensina as crianças a ler e a escrever?;
- 9) atua em tribunais julgando as causas?;
- 10) escreve e publica livros sobre temas importantes?;

## 5. PARTILHA DO TEMA

Pergunte ao grupo como foi a experiência, incentive cada pessoa a partilhar as respostas. Atenção: não se trata de certo ou errado, mas há algumas possibilidades de respostas, e elas nos ajudam a compreender a relação entre gênero e masculinidade. E também nos ajudam a perceber que a nossa linguagem revela o nosso jeito de ver e pensar o mundo, sendo que toda essa relação não se constrói individualmente e nem tão pouco a partir da nossa vontade, mas ao longo da nossa caminhada de vida.

É certo que essa relação também aponta para a forma como vivemos e nos organizamos na família, no trabalho, na igreja, em uma ONG, e nos indica, ainda, uma forma patriarcal de ver o mundo. *Como podemos começar a rever essas relações?* Certamente esse é o nosso desafio maior nesta conversa sobre novas masculinidades.

É nosso desejo que comecemos (homens e mulheres) a *reimaginar* novos parâmetros de comportamento. Assim, faz-se necessário partirmos do princípio que há várias formas de ser homem, e, certamente, isso é fundamental para começarmos a construir uma nova concepção do masculino. Há homens héteros, homens homossexuais, homens trans, homens casados ou solteiros, homens pais e outros que não são pais, homens que têm filhos e outros que não têm. Vamos dar mais uma parada, pensar e responder: *Como é o meu lugar/homem em casa?*

É importante pensar que masculinidade não tem a ver com virilidade. Às vezes pode ser recorrente pensarmos *como será esse novo modelo?* E essa conversa vai se aprofundando e criando

novos vocabulários, por exemplo, *masculinidades*, ou seja, não há um modelo de masculinidade, não há uma masculinidade no singular, há que se falar em *masculinidades*.

Vale a pena refletir sobre as diversas mudanças que se fazem necessárias acerca da dinâmica do(s) lar(es) das pessoas presentes. Ponderar, com assertividade, sobre os comportamentos tóxicos cotidianos, quais as alternativas para que os grupos familiares cessem a reprodução irrefletida de tais comportamentos indesejados, ou seja, exercitar uma reflexão ativa sobre as falas, os silêncios, as ações e reações que costumeiramente se desenvolvem no âmbito doméstico, buscando perceber reflexos do patriarcalismo arraigado nas atitudes das pessoas e que continuam a perpetuar-se mascarados de rotina.

Assim, é possível dizer que não estamos falando nem propondo um modelo fechado, mas uma busca no sentido de que os homens possam *reimaginar* suas atitudes como homem em seus contextos, guardando as limitações e uma certeza: o modelo da masculinidade hegemônica apresenta sérias fissuras e está em crise. E é a partir dessa crise que os homens, especialmente, precisam começar a se definir e a adotar novos padrões/valores.

## 6. O QUE LEVO DESSE ENCONTRO?

Espero que o tema tenha possibilitado outros olhares e aberto outras portas para uma reflexão sobre as novas possibilidades e caminhos a serem trilhados acerca da compreensão do que significa ser homem e que cada participante possa seguir conhecendo cada dia mais esse caminho.

Certamente esta conversa precisa ser ampliada, abrindo novos horizontes. É fundamental que cada pessoa mergulhe mais profundamente na compreensão de que para mulheres e homens a construção desses novos modelos se desenvolvem não somente no campo teórico, mas muito mais fortemente nas relações práticas da vida diária. E será nessa vivência prática que vamos precisar enfrentar e construir relações socioafetivas que sejam distintas das práticas patriarcais.

## 7. MOMENTO DE ORAÇÃO

*Deus, agradecemos-te por teres criado de forma única, criativa e atenciosa cada pessoa à tua imagem. Obrigado por nos libertar e convidar continuamente para as nossas verdadeiras identidades como pessoas amadas reconciliadas.*

*Que sejamos sempre pessoas envolvidas e parte integrante da defesa de um mundo novo que está por ser construído a cada dia; que todos nós, mulheres, homens e crianças, sem distinção de gênero, possamos abraçar todas as oportunidades que nos ajudam a compreender e incluir a diversidade criada. Como mulheres, homens e crianças na história de Jesus, que possamos ouvir intuitivamente os sussurros do Espírito e agir com ousadia e convicção; que nós, a Igreja, estejamos unidas no nosso compromisso mútuo, na missão para tornar real e concreto o novo mundo, sem divisões, e construído na base da igualdade. Em Cristo, hoje e para sempre. Amém.*

## **8. MOMENTO DE DESPEDIDA**

Para este momento da conversa com o grupo, proponha que juntos leiam e cantem a letra e música Super Homem, de Gilberto Gil. Seguem algumas questões para reflexão:

1. Qual(quais) modelos de masculinidade podemos perceber a partir dessa da letra da canção?
2. O que podemos partilhar sobre o diálogo presente no poema?
3. O que nos ajuda a recriar modelos de masculino e feminino no processo de construção de uma vivência para uma nova masculinidade?

## Ordem para o Ágape de Encerramento

*Sugere-se que o Ágape aconteça com todas as pessoas circundando uma mesa principal, onde estarão os alimentos da partilha. A mesa poderá ser ornada com velas, cruz, flores, Bíblia e com outros símbolos significativos para o encontro.*

*O Ofício inicia com uma saudação espontânea:*

### ACOLHIDA

### ♪ MÚSICA INICIAL

### PREPARAÇÃO

Deus, que em teu ventre geraste o Universo.  
Em tua graça, nossos olhos vislumbram novos horizontes,  
**onde as pessoas oprimidas conhecem a libertação;**  
**as entristecidas, a alegria;**  
**as que sofrem violências, a restauração,**  
**o mundo fragmentado, a unidade.**

Que a utopia de teu Reino esteja acesa em nossos corações  
qual chama que não se apaga,  
até encontrar seu derradeiro sentido.

**Que nossos passos sejam de esperança,**  
**nossos braços trabalhem pela paz,**  
**e que nossos lábios proclamem, enamorados,**  
**uma litania de paixão pela vida.**

Bendita seja a Santíssima Trindade, um só Deus.

**Bendito seja o teu reino, agora e para sempre. Amém.**

## RESPONSÓRIO

Deus, Mãe de Sabedoria, derrama sobre nós a luz do teu Espírito.  
**Inspira nossas palavras e nossas ações.**

Para que recebamos vida da Fonte de toda vida;  
**E renovemos nossas vidas pelo Espírito que tudo renova.**

Para que tudo comece e tudo termine em ti.  
**E para que compreendamos e façamos a tua vontade.**

Abençoa para nós, as portas que abrimos; os limites que cruzamos.  
Ilumina os caminhos que se colocam à nossa frente.  
Em tempos de insegurança e angústia, dá-nos fé e esperança.

**E ajuda-nos a corajosamente lutar pelo teu Reino de amor, de justiça e de paz. Por Cristo, nosso amigo, que caminha sempre conosco.**  
**Amém.**

*Adaptado do Ofício Divino*

## ATO PENITENCIAL

Nossos véus... nossos silêncios... nossos olhares...  
Confessemos nossos pecados e busquemos o perdão e a cura em Deus

*Silêncio*

Humildemente nos colocamos ao teu dispor, Deus de Amor,  
relembrando diante de ti os nossos pecados.

**Pedimos teu perdão por todas as vezes que fechamos nossos olhos, tapamos nossos ouvidos e calamos nossas bocas diante das inúmeras situações de violência que vivem muitas mulheres.**

Confessamos que preservamos as barreiras humanas de classe social e econômica, raça/etnia, de orientação sexual, poder, e todas as coisas que mantêm as pessoas separadas umas das outras.

♪ *Kyrie Eleison (cantado)*

Vem agora, Jesus, ao meio de nós, e ensina-nos a escutar os gritos daquelas pessoas que são empurradas para a marginalização.

♪ *Kyrie Eleison (cantando)*

Vem agora, Jesus, ao meio de nós, e inspira-nos a trabalhar com todas aquelas pessoas que lutam por libertação e integridade de vida, a fim de construirmos um novo céu e uma nova terra.

♪ *Kyrie Eleison (cantando)*

*Adaptado da Celebração de Encerramento da Cartilha 2 de  
Prevenção e Enfrentamento à violência de gênero contra as Mulheres (SADD)*

## DIÁLOGO ABSOLVITÓRIO

Deus Todo-poderoso tenha misericórdia de vocês,  
perdoe os seus pecados e mantenha vocês no caminho da vida eterna.

**Deus Todo-poderoso tenha misericórdia de ti,  
perdoe os teus pecados  
e te mantenha no caminho da vida eterna.**

**Amém.**

*Livro de Oração Comum, pág. 68*

## COLETA DO DIA

O Senhor está aqui.

**O seu Espírito está conosco.**

## Oremos

Materno Pai, Deus de Amor, que por Tua misericórdia nos tornaste morada do teu Espírito, concede-nos que nossa comunidade seja espaço de acolhimento seguro às mulheres em situação de violência doméstica, e que seja possível que as casas, escolas e outros espaços sociais sejam transformados em espaços de respeito à vida, à justiça e à dignidade das mulheres e se tornem lugares livres da violência. Em nome de Jesus, que aprendeu com a sua Mãe e com outras mulheres do seu tempo a respeitar, acolher, incluir e amar as mulheres.

**Amém.**

*Adaptada da Cartilha 2 de Prevenção e Enfrentamento  
à violência de gênero contra as Mulheres pág. 27 (SADD)*

## LEITURAS BÍBLICAS

A Palavra de Deus, escrita \_\_\_\_\_.

*Quem estiver lendo termina com:*

Palavra do Senhor.

**Demos graças a Deus.**

## MENSAGEM / ILUSTRAÇÃO

*A pessoa que oficia, ou uma pessoa convidada,  
faz uma breve explanação sobre os resultados dos encontros,  
reflexões, discussões e ações propostas na Cartilha*

## **AFIRMAÇÃO DE FÉ**

Respondendo à Palavra de Deus, professemos a fé que herdamos:

### **Creemos no Deus transformador**

que nos conduz da morte para a vida.

### **Creemos no Deus compassivo**

que a cada dia nos permite mostrar o nosso melhor e nos perdoa quando não conseguimos fazê-lo.

### **Creemos no Deus amoroso,**

que nos oferece sua mão e nos ampara sempre,  
e nos possibilita o recomeço com amor e ternura.

### **Creemos no Deus amigo,**

A quem podemos confessar derrotas e vitórias,  
que nos aconchega como a uma criança  
e sempre nos aceita e encoraja para viver o amanhã.

### **Creemos num Deus conciliador,**

que nos possibilita ir ao encontro das pessoas,  
com igualdade e coração tranquilo,  
e nos faz crer que, sendo suas filhas e filhos,  
podemos ousar rumo à plenitude da vida. Amém.

*Adaptado da Celebração de Encerramento da Cartilha 2 de  
Prevenção e Enfrentamento à violência de gênero contra as Mulheres (SADD)*

## **ORAÇÃO DO PAI NOSSO**

O Senhor está aqui.

O seu Espírito está conosco.

### **Oremos**

Pai nosso, que estás nos céus.

Santificado seja o teu Nome.

Venha o teu Reino.

Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu.

O pão nosso de cada dia nos dá hoje.

Perdoa-nos as nossas ofensas,

assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido.

**E não nos deixes cair em tentação,  
mas livra-nos do mal;  
pois teu é o Reino, o poder e a glória para sempre.  
Amém.**

## **ORAÇÕES ESPONTÂNEAS**

### **ORAÇÃO DE BÊNÇÃO SOBRE OS ALIMENTOS**

*A seguir, serão realizadas as seguintes orações sobre os alimentos,  
adaptado do texto de Luiz Carlos Ramos*

Não é possível cear estando só. Na ceia há um repartir, um distribuir, mãos que se tocam, olhares que se encontram. Na última ceia com as discípulas e os discípulos Jesus não deu só o pão e o vinho, ele misturou ao alimento palavras de amor e esperança. Não bastava só comer, era preciso comer em conjunto. Não bastava só comer, era preciso partilhar e se deixar transformar.

Deus de infinito amor, ao contemplarmos esta mesa comum, faze-nos lembrar da tua vontade para as nossas vidas, e nos compromete com a transformação dos reinos deste mundo no Reino de nosso senhor Jesus Cristo. Permite que a partilha desta mesa nos transforme em pessoas menos coniventes, menos apáticas, menos insensíveis à dor alheia, às injustiças e às violências, para que possamos ser agentes do teu Evangelho. Vem, Senhor, e derrama tua bênção sobre estes alimentos e sobre nossas vidas, por teu Filho, Jesus Cristo, em nome de quem oramos.

**Amém.**

## **♪ MÚSICA**

### **PARTILHA SIMBÓLICA DOS ALIMENTOS**

*As pessoas se aproximam da mesa para realizar a partilha simbólica dos alimentos.  
Durante ou depois do gesto simbólico  
pode ser feita uma breve partilha da palavra pelas pessoas presentes.*

## **ABRAÇO DA PAZ**

A Paz do Senhor seja sempre com vocês.  
**Seja também contigo.**

## ♪ MÚSICA

### COMPROMISSO

Deus nos chama a trilhar o caminho do amor, da paz, da alegria e da liberdade; a escolher a vida, não a morte.

Deus nos chama a escolher.

Afirmamos o nosso desejo de fazer a escolha certa.

**Escolhemos nos corrigir quando tivermos cometido faltas;**

**Escolhemos tratar todas as pessoas com igual respeito e dignidade;**

**Escolhemos resistir com firmeza a toda forma de discriminação;**

**Escolhemos renunciar toda violação de direitos;**

**Escolhemos denunciar toda forma de violência e abuso;**

**Escolhemos buscar a paz e os meios pacíficos para encontrá-la;**

**Escolhemos cuidar de nossa Casa Comum e de toda a criatura vivente;**

**Escolhemos amar e servir a Deus, a nossas irmãs e a nossos irmão.**

**Em conjunto com todas as mães, incluindo a mãe Terra, escolhemos erradicar a violência baseada em gênero; e no poder da Ruáh Divina, escolhemos a vida: hoje, amanhã e para sempre.**

**Amém.**

*Adaptado da 9ª Assembleia do CMI*

### ORAÇÕES CONCLUSIVAS

Deus de maternal amor, sopro de justiça,  
socorre tuas filhas que sofrem  
em relacionamentos de abuso, violência doméstica,  
desamor, preconceito e assédio.

Implementa na tua igreja a flama do Santo Espírito,  
para que, como ventania, sobre nos nossos corações,  
converta nossos caminhos,

nos encha de coragem para a luta  
e derrube as estruturas patriarcais  
que dividem as pessoas por gênero.

É o que te pedimos em nome de Jesus Cristo,  
em quem não há homem nem mulher,  
mas pessoas, à imagem e semelhança de Deus.

**Amém.**

*Oração Conclusiva – LOC pág. 534*

## ♪ MÚSICA FINAL

## Referências bibliográficas

ABRASCO <https://www.abrasco.org.br/site/noticias/posicionamentos-oficiais-abrasco/sobre-a-violencia-contra-criancas-adolescentes-e-jovens-brasileiros/40061/>

ARAÚJO, M. F.; MATTIOLI, O. C. (Org.). **Gênero e violência**. São Paulo: Ed. Arte e Ciência, 2004. p. 143-164.

ARAÚJO, Rayanne Lima Dantas de; RODRIGUES, Erta Soraya R.C.; OLIVEIRA, Geane Gadelha; SOUSA, Kilmara Melo de Oliveira. **Gravidez na Adolescência: consequências centralizadas para a mulher**. Temas em Saúde, João Pessoa, v. 16, n. 1, p. 567-587, ago. 2016.

ARCHILA, Francisco Reyes e RAJO, Larry Jose Madrigal, **Re-imaginação a Masculinidade: Caminhos Diversos para Reflexão sobre a relação entre Bíblia, Gênero e Masculinidade**, Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana – RIBLA, N<sup>o</sup> 56, 2007/1, Editora Vozes, Petrópolis, RJ.

AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. A. **A Violência de pais contra filhos**: Procuram-se vítimas. São Paulo: Cortez, 1984.

\_\_\_\_\_. **A Violência Doméstica na Infância e na Adolescência**. São Paulo: Robe Editorial, 1995.

\_\_\_\_\_. **Mania de Bater**: a punição corporal doméstica de crianças e adolescentes no Brasil. São Paulo: Ed. Iglu, 2001.

BÍBLIA. **Provérbios 13:24, 19:18 e 23:13-14**. São Paulo: Ed. Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BRASIL. Constituição Federal. 1988.

BRASIL. Lei 8.069/90. Estatuto da Criança e do Adolescente ECA. 1990.

BÍBLIA. Português. Bíblia de Referência Thompson. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e corr. Compilado e redigido por Frank Charles Thompson. São Paulo: Vida, 1992.

BRASIL, Lei n<sup>o</sup>. 11.340, de 7 de agosto de 2006, (Lei Maria da Penha).

CASSIA, Nathalia; GUIMARÃES, Fabiane. **Apesar da redução, índices de gravidez na adolescência no Brasil ainda estão acima da média mundial**. 2021. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/145852-apesar-da-reducao-indices-de-gravidez-na-adolescencia-no-brasil-ainda-estao-acima-da-media>. Acessado em: 05 out. 2021.

CENTRO Latino Americano de Estudos de Violência e Saúde – CLAVES (2002), CLAVES, CENTRO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE VIOLÊNCIA E SAÚDE.

CETINA, Edesio Sanchez, **Masculinidades a partir das crianças – um mundo novo, um ser humano novo, um novo projeto**, Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana – RIBLA, N<sup>o</sup> 56, Editora Vozes: Petrópolis, RJ, 2007/1

**COMBATE à violência**. Disponível em: <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/assistencia-social/2021/07/sancionada-lei-do-sinal-vermelho-contra-violencia-domestica>>. Acessado em: 26/01/21.

GASS, Ildo Bohn, **Novas Masculinidades e Bíblia**, Palavra na Vida, N<sup>o</sup> 367, CEBI, São Leopoldo – RS, 2018.

ESVAEL, Xico. **Meninas, Marias, Mulheres**. Disponível em: <https://www.ieab.org.br/2019/12/05/meninas-marias-mulheres/>. Acessado em 10 out. de 2021.

**FEMINICÍDIO em tempos de pandemia**. Jus.com.br | Jus Navigandi.

<https://www.ufsm.br/midias/experimental/integra/2021/01/22/pandemia-escancara-o-feminicidio-e-a-subnotificacao-no-brasil-e-no-mundo/>

<https://www.camara.leg.br/noticias/643729-lei-do-feminicidio-faz-cinco-anos/>

JORGE CARELI. **Notificações de maus-tratos contra crianças e adolescentes**. Rio de Janeiro: CLAVES. 2002.

**LEI do Femicídio faz cinco anos**. Notícias. Portal da Câmara dos Deputados.

MUSSKOPF, André S., **Gênero e Masculinidades**, Palavra na Vida, Nº 375, CEBI, São Leopoldo, RS, 2019.

PESQUISA Nacional de Saúde do Escolar – PeNSE de 2012.

PLANO Nacional de Políticas para as Mulheres, 2005. Disponível em: <[https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnpm\\_compacta.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnpm_compacta.pdf)> Acesso em: 28 set.2021.

POLÍTICA Nacional de Enfrentamento à Violência contra as mulheres. 2011. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/entenda-a-violencia/pdfs/politica-nacional-de-enfrentamento-a-violencia-contra-as-mulheres>> Acesso em: 28 set. 2021.

POLÍTICAS Públicas: o que são e para que servem? Politize, 2016. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/politicas-publicas/>> Acesso em: 25 set. 2021.

POLÍTICAS para mulheres têm o menor investimento no governo Bolsonaro. Revista fórum, 2021. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/noticias/mulheres-politicas-dameres-investimento/>> Acesso em: 10 out.2021.

RELATÓRIO aponta retrocessos em políticas públicas do Brasil. Artigo 19, 2021. Disponível em:<<https://artigo19.org/2021/07/12/relatorio-aponta-retrocessos-em-politicas-publicas-do-brasil/>> Acesso em: 25 ago. 202.

RIBEIRO, F. Siqueira; SANTOS, S. E. de Barros; Severina S. SILVA; SOARES, I. Alves; Violência, Abuso e Exploração Sexual Comercial Infante-Juvenil. In: Abuso e Exploração Sexual Infante-Juvenil: Uma Experiência de Enfrentamento no Estado de Pernambuco. RIBEIRO, F. Siqueira; SANTOS, S. E. de Barros (Orgs). Secretária de Desenvolvimento Social e Cidadania. Recife: CEPE, 2006.

SILVA, José Josélio, **Gênero e Masculinidades, Uma Construção: Não se Nasce Homem, Torna-se Homem**, Palavra na Vida, Nº 375, CEBI, São Leopoldo, RS, 2019.

TONINI, Hermes, **Silêncio, Sonhos, Prodígios e Nomeações superando violências, Construindo Novas Masculinidades – Uma Hermenêutica de Gênero de Mateus 1,18-25**, Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana – RIBLA,N 086, 2005/2, Editora Vozes, Petrópolis, RJ.